

## FOLHA EM VERSO E PROSA.

RIDENDO CASTIGAT MODER.

Ocupa-se-lhes exclusivamente m e Zúrrulo das rendas proleções, e não fazer entrar na ordem da manutenção e atendimento com meditação, e a quanto não e a quem as diatrias de esse *práto-fonice* quando refundidos em tipos da malandragem para só estumparem exemplos de moral e bons costumes; quando o argumento da nossa civilização foi molhada nelo pelo punção de seus escríptores; quando finalmente as mentes e misalôs desaparece- ram da face da terra, então também de a- parar-se o *Corisco*, esse modo de pensar a quem pelos seus bons atos não se tornara digno de castigo.

O estrondo mentiroso que andava de boca em boca nesta cidade, em o dia "20 do corrente", de tal sorte transformou a atmosfera política, a ponto que o firmamento lançou sobre a terra raios, coriseos, e sentinelas para castigar os maldados revolucionários que pretendem ousadamente errar o punhal fratricida no seio das pacíficas habitantes da cidade de S. Pedro; um rijo e forte vento se levantou e os da-

Quantos estão desejosos de ler a *Corisco!* Que de curiosidade! Que de risadas não dará os leitores, dizendo uns: — Isto não presta, é uma portaria, — outros: — temarão, bravo! bem feito; assim é que se deve falar a esta canaglia de *gorimpereiros*; e n'estas diversas opiniões os quatro vintões do imposto voluntário vão dando que fazer aos tipos, e a leitura irá entretenendo uns, e desesperando outros; tudo isto é mundo.

Viva a politica, e deixe-se ir quem vai. —

ALGUNS NEROS DE BOM GOSTO.

Palliço que na *Nora-Epoca*,  
Rabisca por curiosidade,  
Merece boai a despreso,  
De toda a sociedade.



## A CIVICA E FIS. INTORO

## Propriedade de ALFONSO RODRIGUES DE OLIVEIRA

U.S. PATENT OFFICE

## Le Mission



# Pasquinagem e sátira na imprensa rio- grandina



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# Pasquinagem e sátira na imprensa rio- grandina



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt



**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2024

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: Pasquinagem e sátira na imprensa rio-grandina
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 86
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-010-4

**CAPA:** O CORISCO, 25 out. 1847; O FARÓFIA, 1902; e ECO DO SUL, 11 ago. 1891.

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.





... é o jornalzinho anônimo, espécie  
de pasquim que surge como  
cogumelo em tempo próprio e  
terreno adequado pelos adubos das  
esterqueiras, quase pornográficos.

**(O BILONTRA, 25 maio 1902)**

É de festa o dia de hoje,  
de festa, só de prazer!  
Em festa as *Historietas*,  
nada mais devo dizer.

Começarei amanhã  
A visita aos cemitérios  
da História, donde trarei  
repugnantes Silvérios.  
**(ECO DO SUL, 24 jul. 1890)**



# SUMÁRIO

Pasquinagem na cidade do Rio Grande / 13

A presença da sátira em um jornal diário rio-grandino / 73



# Pasquinagem na cidade do Rio Grande

Desde a segunda metade da década de 1840, após a recuperação dos óbices oferecidos pelo decênio de guerra civil, com a Revolução Farroupilha, a imprensa rio-grandina passava por uma etapa de reordenação, após a crise durante o período de conflagração revolucionária. A partir de então e com maior ênfase nas décadas seguintes, o jornalismo da cidade portuária do Rio Grande passava por uma fase de crescimento, com o surgimento de jornais de variados gêneros. Tal circunstância refletia o contexto gaúcho, no qual houve um significativo progresso na imprensa, notadamente na parte sul da província, pois “o efeito combinado da conciliação no campo político com a relativa estagnação econômica na zona norte” rio-grandense, “em contraposição ao crescimento mais acelerado na campanha e na zona sul, decorrente do período de prosperidade das charqueadas”, viria a “determinar um estacionamento no desenvolvimento da imprensa na capital e avanços proporcionais maiores no Rio Grande e em Pelotas”<sup>1</sup>.

Na cidade do Rio Grande, nesse período, observava-se, além de um avanço quantitativo, uma elevação na qualidade tipográfica de algumas folhas e uma diversificação nos gêneros publicados. Os jornais de

---

<sup>1</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993. p. 130.

cunho político não desapareceram, porém, as folhas que se dedicavam essencialmente às discussões político-partidárias propriamente ditas, cederam lugar aquelas que traduziam, muito mais, os confrontos de natureza pessoal entre indivíduos ou grupo de indivíduos<sup>2</sup>, eram os pasquins. Tais publicações foram típicas dos períodos pós-revolucionários, circulando mais marcadamente durante os anos quarenta e cinquenta, mas coexistindo com os demais tipos de publicações ao longo de todo o século XIX, aparecendo, de forma tardia, mais numerosamente, na virada desta centúria.

Desde a segunda metade da década de 1840, a cidade do Rio Grande veria nascer uma série de folhas de pequeno formato, circulação bastante irregular, duração efêmera e utilizando-se, muitas vezes, de um palavreado chulo e virulento. Tais publicações praticavam a pasquinagem e traduziam o momento de transições pelo qual passava a sociedade sul-rio-grandense, na qual se buscava a estabilização política de modo a permitir a reconstrução econômica da província, embora ainda permanecessem as sequelas da guerra civil que perdurara por quase dez anos.

Nessa época, os pasquins demonstravam que as disputas políticas permaneciam, porém, modificava-se a

---

<sup>2</sup> Abeillard Barreto caracteriza a imprensa rio-grandina desta fase: “A exaustão dominava todas as camadas sociais, mercê da luta que por mais de um lustro estava sendo mantida. A nova época iniciar-se-ia, pois, num ambiente político mais sereno; em pouco tempo, porém, as rivalidades jornalísticas e as questões pessoais torná-la-iam mais agitada”. BARRETO, Abeillard. *A imprensa do Rio Grande no tempo do Império. Rio Grande*. Rio Grande, 27. jun. 1935. p. 4.

forma de tratamento das mesmas através da imprensa, pois, ao invés das discussões de natureza político-partidária, passaram a predominar as querelas pessoais, em uma predileção, por parte dos jornais, em abordar, especular e/ou divulgar componentes da vida privada de prováveis adversários ao lado ou, às vezes, em detrimento de aspectos da atuação pública. Desencadeou-se então um processo marcado por uma relação diretamente proporcional entre o acirramento das polêmicas e o surgimento de novos pasquins, muitos deles aparecendo como respostas às invectivas lançadas em outra folha, com duração efêmera e sem nenhuma base comercial.

Frutos de um ambiente propício à polêmica, os pasquins se desenvolveriam em larga escala até a década de 1860, época a partir da qual, não desapareceriam de todo, mas haveria um decréscimo acentuado no número desse tipo de folha circulando na cidade. Porém, já ao final do século, refletindo o clima de ódios e paixões partidárias que permaneceriam, como verdadeiras chagas junto à sociedade sul-rio-grandense, resultantes das disputas em jogo durante a Revolução Federalista, ocorreria um reaparecimento em maior escala e de forma tardia da pasquinagem. Muitos dos pasquins que circularam no Rio Grande, já demonstravam em seus títulos as intenções hostis, já outros, buscavam demarcar suas tendências partidárias e outros, ainda, tentavam apontar para o seu papel social, como fiscalizadores dos interesses da população.

Os pasquins surgiram devido a uma “falta de ligação orgânica das forças políticas com os jornais”, favorecendo “a falta de responsabilidade com os conceitos externados e uma série de excessos de

linguagem”<sup>3</sup>. Assim, o surgimento desse tipo de imprensa esteve ligado “ao meio, ao tempo, à gente, à cultura”, de modo que “o pasquim refletiu, em sua tormentosa fisionomia, o atraso, as agruras, as paixões de uma fase histórica”<sup>4</sup>. Rivalidades, diferenças e oposições políticas, partidárias, ideológicas, culturais e/ou socioeconômicas ficavam então expressas nesse tipo de publicação, cujo escopo fundamental era atacar e, quando possível, destruir o adversário, ou ao menos a sua reputação<sup>5</sup>.

Desencadeou-se então um processo marcado por uma relação diretamente proporcional entre o acirramento das polêmicas e o surgimento de novos pasquins, na maioria dos casos, “sem nenhuma base comercial” e “característicos por uma linguagem absolutamente destemperada”<sup>6</sup>, manifestando-se através “de um idioma supramente rico em expressões

---

<sup>3</sup> RÜDIGER, 1993. p. 20

<sup>4</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 192-193.

<sup>5</sup> Para Arthur Toscano, “o pasquim era o recurso desesperado a que se agarravam os políticos de baixa extração, impotentes para vencerem à luz meridiana, e malfeitores que, temerosos de uma luta com superiores na escala social, ou inimigos, solapavam-lhes a honra e a boa fama, na desventura de os não poderem vencer pela luta leal. Havia também os que ‘pasquinavam’ por dinheiro ou por vingança”. Arthur Toscano citado por GONZAGA, Alcides. *Homens e coisas de jornal*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 216.

<sup>6</sup> PRIOLLI, Gabriel. *A imprensa e a República*. Brasília: Ministério da Cultura, 1989. p. 12.



contundentes” e com palavras que representavam “um convite à incontinência de linguagem”<sup>7</sup>.

Em linhas gerais, o pasquim constitui um periódico “satírico, galhofeiro, injurioso, politiqueiro, que ultrapassa os limites do bom gosto e da decência”, também conhecido como “papelucho”, sendo normalmente uma “folha clandestina ou anônima”. Também pode ser uma edição que reflete “ideias vanguardistas, libelos consistentes, ousadas do pensamento a ponto de endossar e incentivar mudanças sociais, políticas ou econômicas”. Designado ainda de “jornaleco, panfleto, folha e folheto”, teve a sua denominação derivada “de um personagem imaginário – Pasquino – criado pela sátira romana”, o qual “virou sinônimo de língua solta, metedigo, resmungão, maledicente, insubmisso, imprudente e impunido”, o qual aparecia como “autor de murmúrios, boatos, calúnias, ditos e ditérios, resultando em pasquim”. Já o pasquineiro é o “autor, repórter, redator ou editor de pasquim”, e/ou “aquele que usa a palavra para difamar”<sup>8</sup>. A cidade do Rio Grande viu nascer vários desses folhetos praticantes da pasquinagem<sup>9</sup>.

No contexto rio-grandino, um desses periódicos foi *A Revista Imparcial* que passou a circular em 14 de abril de 1846, anunciando-se como “folha política”, sem

---

<sup>7</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Antologia de humorismo e sátira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 3.

<sup>8</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 280.

<sup>9</sup> Versão revisada e ampliada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 109-133 e 270-282.

identificar os responsáveis pela sua edição. Com duas páginas, era publicada “extraordinariamente”, em dias indeterminados e impressa na Tipografia de Pomatelli & Cia., sua assinatura mensal custava 1\$000 e, o número avulso, 100 réis, também admitia publicar, “a preço razoável”, artigos e comunicados.

Os pronunciamentos dessa folha refletiam que o clima apaziguador, inclusive manifesto em certos jornais, ao final da Revolução Farroupilha, não foi duradouro, demonstrando os conflitos entre liberais e conservadores. A *Revista Imparcial* era de tendência “saquarema”, ou seja, conservadora, tendo por propósito combater os “luzias”, em outro termo, os liberais, a quem denominava de “facção”.

Em uma de suas matérias, de 31 de julho de 1846, o jornal, utilizando-se de uma linguagem ameaçadora, acusava os liberais de estarem abandonando a política de conciliação por terem assumido o poder em âmbito local, através do provocativo título “Ah! Não querem a paz?! Pois haja guerra”:

A facção trânsfuga, que até certa época nos sussurrava aos ouvidos proposições de paz e amizade, e que, em troco de sua má fé encontrava nos amigos da ordem adesão e generosidade, eila que se mostra soberba e arrogante, agora que se julga colocada (...) nas posições oficiais do município! Enquanto, convicta do que é, receava a facção ser apeada da polícia e da Guarda Nacional, ela batia nos peitos pedindo paz e amizade: mal, porém, desenganou-se, já entona a cerviz e desdenha a aliança dos amigos da ordem.

## A REVISTA IMPARCIAL

## FOLHA POLITICA.

Publica-se a extraordinariamente até agosto d'ozes números de meia folha, em dias indeterminados. A assinatura é de \$3000, pago adiantado. Admittem-se a preço razoavel cor-respondencias e artigos communicados, (de todas as opiniões) os quizes estando na forma da lei, pódem-se dirigir á esta typographia, rua da Praia N. 46. — Folha avulsa 100 rs.

## A REVISTA.

## AH! NÃO QUEREM A PAZ? POIS HAJA GUERRA.

A facção transfuga, que até certa época nos sussurrava aos ouvidos proposições de paz e amizade, e que, em troca de sua má fé, encontrara nos amigos da ordem adhesão e generosidade, eil-a que se mostra soberba e arrogante, agora que se julga collada, per omnia secula *electio-nem* nas posses officios do município! Enquadrado, conviêta do que é, receava a facção ser apedada da policia e da Guarda Nacional, eil-a batia nos peitos pedindo paz e amizade: mal porém desengannado, já entoa a cerviz, e desdenha a aliança dos amigos da ordem.

Turbulenta e immoral, dispoe-se para dar garrote nas liberdades do povo; e pois que a nessa liberdade, honra e regalias estão assim ameaçadas, não ha de encurtar os braços a *Revista*, nem consentir por um só dia mais que se escarneça da boa fé de um partido honesto e cavalheiro, cuja generosidade tem sido comprehendida por fraqueza, e seu amor a concordia por confissão de cobardia.

Estão portanto abertas as hostilidades: o partido ordeiro, forte, numeroso e compacto, declara guerra á facção; guerra franca, como era franco o seu amor a concordia; guerra implacavel, como é implacavel a sua aversão aos transfugas.

Assim o quizerão elles; assim o terão agora.

## A INTERRUPTÃO, E A CONTINUAÇÃO.

A que multidão de juizes temerarios não tem dado lugar a tardança dos dous ultimos numeros da presente assignatura da *Revista*! — «O Redactor foi deportado, dizão uns». — «Não, tapirão-lhe a boca com um emprego, acrescenta-vos outros». — «Qual! replicava d'aqui, o espartilho montouse nos cobres, e deitámos em branco». — «Em fim até não faltou quem asseverasse que haviam si sido decompridos com o diabolico da policia. Mas nada d'isso, meus senhores; nada d'isso e fclim-nie. A causa unica do silencio da *Revista* é aquella mesma que motivou a moderacao dos N.º 9 e 10. Unão confiavamos na sinceridade de nossas proposições de paz e amizade, e porisso acclimamos a condicao que impo-nemos á hoje q'zomus darvos aliada uma honra e generosidade e cavalheirismo;

e só quando desesperamos de vossos sentimentos de honra e probidade, é que nos decidimos a continuar na publicação d'esta folha; não porém como até aqui, para só reprimir o brutal desenfreado da delegacia de policia; mas tambem e sobre tudo, para discutir os principios e as crenças da facção devassa e corrompida, que nos pretende dictar a lei.

Nessa discussão ha de provar a *Revista* que o partido da ordem não receia ser vencido pela facção.

## O PERIODICO BRASILEIRO E O SR. VICE PRESIDENTE DA PROVINCIA.

Raras vezes, depois que findou a revolução, occupase com esta provincia a imprensa da Corte; e isso mesmo só para transcrever do *Imparcial*, ou do *Commercio*, ou do *Rio Grandense* alguma noticia do estado visinho: quiz porém a Providencia que um dia cessasse essa morna indifferença; e foi o *Brasil* quem se encarregou de publicar algumas linhas acerca dos nossos negocios. Ah! tivemos o gosto de ver sancionadas pelo illustrado contemporaneo as opiniões emitidas pela *Revista*, quanto ao cerebro editorial de suspensão de garantias, mandado affixar pelo Sr. Manuel Joaquim de Sousa Medeiros.

Pena foi porém que o contemporaneo, prestando somente ouvidos a uma das seis folhas da Provincia, commettesse a injusticia de qualificar de falta de actividade e de energia a administração do Exm. Sr. Patricio Correa da Camara. O contemporaneo de certo que só se fundou, para assim se decidir, nas columnas do *Imparcial*; pois bem para elle mesmo appellamos nós: leia o Redactor do *Brasil* essa folha de Porto Alegre, depois que sobre ella deixou de ter influencia o Bacharel Barcellos; leia o *Commercio*, o *Rio Grandense*, o *Semana-ri*, a *Revista*, e o *Telegrapho*, e culto conhecerá que os orphes da opinião publica unanimemente se mostrão satisfeitos com a presidencia cordata, imparcial e sufficientemente activa e energica do Sr. Correa da Camara.

Por amor do trecho que diz respeito ao nosso delegado, transcrevemos o artigo do *Brasil*, que é o seguinte:

*Rio Grande do Sul.* — Muitos periodicos e algumas cartas particulares que recebemos do Rio Grande do Sul, apresentão-nos o estado d'essa provincia como exigindo a mais séria attenção; por elles insultados, julgamos poder ellicitar o governo pela escolha que acaba de fazer do Sr. Dr. Siqueira para chefe de policia

d'essa provincia. Ha queixas contra o vice-presidente por falta de actividade e de energia; ha queixas igualmente, e estas podemos reconhecer quão fundadas são, contra o delegado de policia da Cidade do Rio Grande, que, assumindo a plenitude do poder legislativo, acaba de publicar um edital impondo aos cidadãos *razoáveis obrigações e dependencias*, sem se lembrar que ha na constituição um artigo que diz — Nenhum cidadão pôde ser obrigado a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei — Que muito porém que um delegado de policia no Rio Grande não saia da constituição, quando ainda ha pouco foi moda, e hoje, apesar dos protestos, ainda o está sendo, zombar d'ella e violá-la em todas as suas disposições?

As eleições que se approxímam contribuem para essa fermentação, sobre a qual chamamos a attenção do governo: se em toda a parte, para haver liberdade eleitoral, deveria o governo prohibir que se involvessem em eleições, com interesse proprio, os presidentes e chefes de policia; no Rio Grande é isso um dever tão sério que muito receamos que qualquer ingenuidade do governo e da policia para dar triumpho a chapas e a candidatos, torne a abrir as chagas mal cicatrizadas da discordia civil.

## OS CANDIDATOS DE CHAPA.

Por acaso nos vierão ás mãos duas cartas, de certo magnata cabalista, incluindo ambas a chapa que pretende o chib dos transfugas fazer prevalecer na eleição de deputados gerres; todas duas são da mesmíssima pessoa, e todas duas entretanto differenciam uma da outra: ... Mas o esse é facil de explicar-se por quem conhece o autor d'essas cartas; honra sem fclim-nie consciencia, a traicao é já para elle uma particula de vida.

## 1.ª chapa, dirigida para Jaguaro.

Coronel Manuel Marques de Sousa.  
Coronel Thomé Luiz de Sousa.  
Brigadeiro José Joaquim Coelho.

## 2.ª chapa, dirigida para Pelotas.

Dr. José de Arrujo Liberyp.  
Coronel Manuel Marques de Sousa.  
Dr. Vicente José da Maia.

Depois de estar estereotipado na composição, lemos outra chapa no Rio Grandense, em a qual figurão os Srs. Manuel José de Freitas Travassos, Coronel Luiz Manoel de Lima e Silva, e Coronel Manoel Marques de Sousa!

Detudo o que oacnelamos é que a facção tem um unico candidato do peito, o Sr. Coronel Marques; todos os mais são por compazear. — Ora Deus lhe ponha a virtude.

## RODE E INIMIGO DE BRANCO.

Graciosa a proverbial levandade e estoramento do capataz da facção, ali circula de mão em mão uma carta sobre negocios serios, por elle dirigida em resposta a outro, por elle recebido visito, porque o autor d'esta está bem longe de compazear-se com sua desleal e fclim-nie do adversario!

Assim, *A Revista Imparcial* considerando o grupo dos conservadores como o partido “honesto, cavalheiroso, ordeiro, forte, numeroso e compacto”, lançava-se em um combate aos liberais, declarando uma “guerra implacável”, contra a “facção”, apontada como “turbulenta e imoral”, além de “devassa e corrompida” e propondo-se provar que “o partido da ordem” não temia “ser vencido pela facção”.

Na mesma edição, o jornal justificava uma interrupção nos números anteriores, apontando os boatos que teriam surgido na cidade sobre as prováveis causas do ocorrido, refutando a todos. No texto, podem ser observadas algumas das maneiras pelas quais, à época, os responsáveis pelos pasquins eram vistos pelos leitores ou pela população em geral:

A que multidão de juízos temerários não tem dado lugar a tardança dos dois últimos números da presente assinatura da “Revista”! O redator foi deportado diziam uns. Não lhe taparam a boca com um emprego, acrescentavam outros. Qual!, replicavam daqui, o espertalhão montou-se nos cobres e deixa-nos em branco. Enfim, até não faltou quem asseverasse que havíamos sido comprados com o dinheiro da polícia. Mas nada disso meus senhores.

Segundo Abeillard Barreto, *A Revista Imparcial* esteve sob a direção de Antônio José Caetano da Silva e foi fundada para combater os atos do Delegado de Polícia da cidade do Rio Grande. O autor caracteriza-a como um “órgão de linguagem assaz violenta”,

considerando que o último número desse pequeno jornal apareceu em julho ou agosto de 1846<sup>10</sup>.

Outro pasquim que circulou no Rio Grande foi *O Corisco* que seguiu a sina de seu próprio nome – faísca elétrica, raio, relâmpago – tendo uma vida extremamente fugaz. Seu primeiro (e provavelmente único) número foi publicado a 23 de outubro de 1847, no qual intitulava a si mesmo como uma “folha em prosa e verso”, que não tinha uma periodicidade definida, de acordo com sua própria afirmação – “*O Corisco* cairá conforme as tempestades que houver”. Era composto de quatro páginas impressas na tipografia do *Rio-Grandense*,

---

<sup>10</sup> BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986. p. 137. O único número encontrado de *A Revista Imparcial* foi o de 31 de julho de 1846. O redator desse periódico, apontado por Abeillard Barreto, foi Antônio José Caetano da Silva (1817-1865), o qual atuara como escriturário e administrador da Mesa de Rendas Provinciais no Rio Grande, dedicando-se à política, foi eleito e reeleito várias vezes para a Assembleia Legislativa Provincial, pelo grupo dos saquaremas. Também atuou nas alfândegas do Rio de Janeiro, Paranaguá e Uruguaiana, tendo escrito um *Indicador administrativo das alfândegas e mesas de renda*. Além disso, foi responsável pela edição de uma série de outros jornais rio-grandinos, como *O Rio-Grandense*, *O Correio de Anúncios*, *A Nova Época*, *O Mentiroso*, *O Noticiador* e *A Guarda Avançada*. Dados obtidos a partir de BARRETO, 1986. p. 134. e BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. v.1. p. 21-23.

sendo seu preço de 80 réis por volume e tinha como dístico a frase: “*Ridendo castigat mores*”.

Seu artigo de abertura e apresentação revelava suas intenções, com a utilização de um termo equivalente a um artigo anônimo ou difamatório, intitulando-se “Mofina do *Corisco*”, no qual colocava que seu intento era o de atacar os elementos de “má índole” e promover a “causa pública”:

O *Corisco* destruirá a súcia dos desordeiros, desmascarando-os nas suas malvadezas.

Será constante em advogar a santa causa da pátria, perseguindo o quando puder os amotinadores garimpeiros.

Alegava ter uma função predeterminada, afirmando que, quando os elementos “maldizentes” se tornassem “exemplos de moral e bons costumes”, “quando o aumento da civilização fosse se sobressaindo pelo empenho de úteis escritores” e “quando, finalmente, as mentiras e insultos desaparecessem da face da terra”, O *Corisco* poderia deixar de circular, “cessando de perseguir a quem, pelos bons atos, não se tornasse digno de castigo”.

ANNO I.

SEGUNDA FEIRA 23 DE OUTUBRO DE 1847.

N.º 4.

# O CORISCO.

## FOLHA EM VERSO E PROSA.

O CORISCO calará conforme as tempestades que houverem: vende-se a 80 reis na Typographia do Rio-Grandense.

RIDENDO CASTIGAT MORES.  
(monstro.)

### MOFINA DO CORISCO.

O *Corisco* destruirá a sucia dos desordeiros, desmascarando-os nas suas malvadezas.

Será constante em advogar a santa causa da patria perseguindo quanto poder os amotinadores garimpeiros.

Occupar-se-ha quasi exclusivamente com o *Zurriho das vendas provinciaes*, até o fazer entrar na ordem da moderação e verdadeiro com nedimento; e enquanto não cessarem as diatribes d'esse *pipelaro infame*; quando refundidos os typos da maldicencia para só estamparem exemplos de moral e bons costumes; quando o augmento da nossa civilisação fôr sobresahindo pelo empenho de uteis escriptores; quando finalmente as mentiras e insultos desaparecerem da face da terra, então tambem desaparecerá o *Corisco*, cessando de perseguir a quem pelos seus bons actos não se tornar digno de castigo.

# O CORISCO.

O estrondo mentiroso que andava de boca em boca n'esta cidade, em o dia 20 do corrente, de tal sorte transtornou a atmosphera politica, a ponto que o firmamento lançou sobre a terra raios, coriscos, e sentelhas para castigar os malvados revolucionarios que pretendem ousadamente cravar o punhal fratricida no seio dos pacificos habitantes da cidade de S. Pedro; um rijo e forte vento se levantou e os de-

monios começaram a perseguir o genero humiao com o fim de o conduzir á mesma maldicão a que forão condemnados pela sentença do eterno.

O *Zurriho* das vendas provinciaes, o famigerado *Urtiga* da meia gazeta; o andarilho alagado, deu á luz mais um parto da sua bestalidade para immortalisar-se nos annaes Rio-Grandenses.

Descaramento a toda a prova; bernardices sem conta, raiva, e desesperação, respira a negra linguagem da mentirosa folia, e para reprimir a sua ousada a torna-se mister o lat go do redculo afim de o conter nos limites da decencia e moralidade.

O Chistoso do nosso jornalinho hade agradar aos leitores; e desde já os prevenimos que as nossas palavras nunca tocarão no sagrado das familias.

Quantos estão desejosos de lêr o *Corisco*? Que de curiosidade! Que de risadas não darão os leitores, dizendo uns. — Isto não presta, é uma porcaria. — outros teimarão. bravo! bem feito; assim é que se deve fallar a esta cavallha de *garimpeiros*; e n'estas diversas opiniões os quatro vintens do imposto voluntario vão dando que fazer aos typos, e a leitura irá entretenendo uns, e desesperando outros; tudo isto é mundo.

Viva a politica, e deixe-se ir quem vai. —

### ALGUNS VERSOS DE BOM GOSTO.

Palhaco que na *Nova Epoca*,  
Rabisca por curiosidade,  
Merece bem o despreso,  
De toda a sociedade.



De certa maneira, o jornal pretendeu antecipar as reações positivas e/ou negativas do público, revelando as formas de repercussão, naquele momento, quanto à publicação de um pasquim:

Quantos estão desejosos de ler o “Corisco”! Que de curiosidade! Que de risadas não darão os leitores, dizendo uns – “isto não presta, é uma porcaria”, – outros teimarão: “bravo! bem feita; assim é que se deve falar a esta canalha de garimpeiros”; e nestas diversas opiniões (...) a leitura irá entretendo uns e desesperando outros; tudo isto é o mundo.

O *Corisco*, que não identificava o responsável pela sua circulação, não conseguiu levar muito adiante seus objetivos de atacar os “desordeiros” e “amotinadores”, promovendo o “entretenimento” ou o “desespero”, pois, o mais provável é que tenha ficado restrito a essa edição de outubro de 1847<sup>11</sup>.

O *Eco* foi publicado a partir de 27 de julho de 1848, na tipografia do *Rio-Grandense*, à razão de 400 réis por mês e com números avulsos a 120 réis. Aceitava

---

<sup>11</sup> Esse número de 23 de outubro de 1847 foi o único encontrado e Abeillard Barreto, ao destacar o jornal, só se refere a esta data. O mesmo autor presume que a folha foi redigida por Bernardino Berlink. BARRETO, 1986. p. 140. Bernardino Berlink viria a adq/uirir e redigir, em 1850, um dos mais importantes jornais rio-grandinos da época, o *Rio-Grandense*, permanecendo nessa função até a sua morte em 1858. Dados obtidos a partir de: VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940. v. 2. p. 286.



receber artigos, comunicados e correspondências, desde que escritos “em termos comedidos e legalizados na forma da lei” e não apresentava o nome de seu responsável<sup>12</sup>.

No seu artigo de apresentação, descrevia as dificuldades no empreendimento da função de escritor público:

Espinhosa é por certo a carreira do escritor consciencioso, quando meneando a pena através do contraditório estado das coisas pretende demonstrar com evidência e imparcialidade os sentimentos que o animam. Expende este ou aquele fato, procurar um resultado às suas asserções não é essa grave incumbência de que se não possa encarregar o jornalista; porém, para comprovar este fato, para colorir esse resultado, com brilhantes e indeléveis cores, força é então revestir-se do verdadeiro caráter que constitui o jornalista – a imparcialidade.

---

<sup>12</sup> Abeillard Barreto não identificou o redator dessa folha que, segundo o autor, teria circulado até 2 de setembro de 1848, sendo possível a existência de uma “segunda fase” datada de janeiro de 1849. Barreto afirma, porém, que “não nos foi dado encontrar nenhum exemplar deste jornal, de qualquer das duas supostas fases”. BARRETO, 1986. p. 144. O único número encontrado refere-se ao primeiro de 27 de julho de 1848.

# O ECHO.

Subscrição-se para esta folha, na Typographia do RIO-GRANDESE, á razão de 400 reis por mez ou 4. número pagos adiantados: e os numerosos avulsos custarão 120 rs. — Recebem-se: artigos, communicações, e correções, ficando sendo escripto em termos commodos e legalizados na forma da lei.

## O ECHO.

Espinhosa é por certo a carreira do escriptor consciencioso, quando meneando a penna através do contraditório estado das cousas, pretende demonstrar com evidencia e imparcialidade os sentimentos que o animão. Expendir este ou aquelle facto, procurar um resultado ás suas asserções não é essa grave incumbencia de que seão possa encarregar o jornalista; porém para comprovar esse facto, para colorir esse resultado, com brilhantes e indeleveis côres, força é então revestir-se do verdadeiro caracter que constitue o jornalista — a imparcialidade.

Tal é a divisa que pretendemos adoptar, taes são os sentimentos de que estamos empossados ao encargar-nos da honrosa missão de advogados da legitimã causa do povo. Na insana lide que vamos affrontar, não nos amedrontarão escolhos e barrancos, que por ventura possam apparecer por entre as medonhas ondas da critica, da mordacidade. — Que nos importa a nós que meia dúzia de homens in-consequentes não advoguem, e nutram os plausiveis sentimentos que brotão em nossos corações? — Não sahiremos da orbita de nossas rigorosas attribuições, não calcaremos instituições uteis, não entorpeceremos por modo algum a carreira do cidadão próbo e benemerito, mas tambem não perdoaremos, não pasaremos em silencio as inconsequencias de uns, o despotismo e a soberania mal entendida de outros. — Quereamos justiça paz e concordia. Os direitos e imperios são dos homens sem respeito ás instituições sociaes — a boa harmonia, os bons exemplos, são obra dos homens sensatos, e por conseguinte uteis á sua patria.

Oxalá pois não tenhamos materia alguma a discutir, tendente á desorganisação mental de alguns individuos. Oxalá não nos seja mister interromper o silencio que por ora vai reinando em o nosso periodico, será esse motivo sufficiente, para não nos occuparmos com materia diminuta e insignificante. Involveremo-nos em questão quando esta seja transcendente e de grave ponderação; daremos desse modo uma prova do quanto amamos a paz e a boa harmonia.

### PENSAMENTOS SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA DE 23 DE FEVEREIRO DE 1848.

Um homem e bem pequena coisa durante uma revolução: que move marcos inteiros. (MIGNET).

O movimento politico deste paiz nos encheo de pasmo e admiração, á vista do estado normal em que elle caminhava depois da elevação do duque de Orleans ao throno dos Capetos, e em nossa consciencia o julgamos em retrocesso para os lastimosos dias de 1789 e 92.

A Franca, essa nação grande do mundo pelo seu desenvolvimento intellectual, pelas suas idéas progressivas, quanto ao nosso entender, cortou todas as esperanças dos bons politicos, que a encravão já a primeira das nações do mundo.

Os erros de Carlo X derão causa a que os Francezes usassem daquelle meio tantas vezes empregado para salvar a sua liberdade, e reivindicar direitos constitucionaes mesmo na agitação de varios partidos, e á força da razão, triumphando sempre do furor da tirannia, conseguiram a nomeada verdadeiramente dos homens livres, que desde o reinado de Luiz XVI tanto os tem distinguido.

O destronado de 1830 lamentou no exilio seus desvarios com uma consciencia socegada, e a mesma razão lhe fez crer, que a pratica dos irreflectidos actos de seus ministros Peyronnet, Chateaufort, e Guernon Ravielle, fez com justa causa revoltar o animo do povo contra o seu reinado.

A revolução de julho foi coroada de grandes esperanças, porém foi tambem ella o preludio da revolução presente. Negar que o espirito daquella revolta não foi o mesmo que dirigio a desta, é desconhecer o caracter do povo francez, e ter poucas relações da sua historia do 18.º seculo. Com tudo, observamos que os homens de 1830 não osarão levantar o governo republicano, porque as feridas da revolução passada não estavam ainda cicatrizadas, e por isso, esperarão uma melhor occasião para o proclamar.

O governo de Luiz Filipe foi o espaço que medeou para se prepararem os animos e os aprestos para a lucta: Odilon Barrot, que acompanhou Carlos X ao desterro, já com seus collegas se predisponha a fazer o mesmo a Luiz Filipe, quando soasse a hora de sua queda. O apparecimento das machinas infernaes contra a vida do novo rei, era a alma do antigo Jacobinismo, que resurgio no tumulto de 23 de julho e começou a germinar por toda a Franca para estabelecer o seu dominio de 1792.

Ou fosse por máo resultado de suas tentativas, ou fosse por felicidade do rei cidadão, esses terriveis inventos fiserão q' a seu lado se unissem os verdadeiros amigos do throno, e que o governo fosse de accordo com os principios então professados, tornando o partido republicano, rebucado em diversa cor politica para illudir os amigos da nova dinastia.

Os passos da revolução presente chamão sobre ella um pensar bem ponderante, e muito se vão assemelhando aos da de 1793; e com quanto Lamartine, na sua circular, faça conhecer aos seus agentes diplomaticos, — *que a revolução de hontem é um passo para diante e não para traz* — nós diremos que a revolução de fevereiro será um estrago para a Franca e talvez um flagello para a Europa. As guarras sempre destroem, e a victoria por muito brilhante que seja é cantada sobre ruínas e sangue, e á guerra que a nova republica franceza deve esperar pela quebra dos tratados.

A capital da Franca apresentou mais um desse

Assim, *O Eco* pretendia encarregar-se da “honrosa missão de advogado da legítima causa do povo”, para o que prometia não se amedrontar com “escolhos e barrancos” e não perdoar “as inconsequências de uns, o despotismo e a soberania mal entendida de outros”, afirmando querer “justiça, paz e concórdia”. Apesar de tais “boas intenções”, esse jornal também trilhou pelos caminhos da polêmica.

No artigo “Pensamentos sobre a Revolução Francesa de 23 de fevereiro de 1848”, o jornal analisava um dos focos revolucionários que agitava o continente europeu naquele ano, revelando sua tendência conservadora e antirrevolucionária, argumentando que a revolução seria “um estrago para a França e talvez um flagelo para a Europa”.

Nessa linha, *O Eco* aplicava os mesmos princípios quando se referia à “Monarquia no Brasil”, buscando “expende um fraco juízo para demonstrar as vantagens que desta forma de governo” resultavam para o país. Afirmava desprezar as “falsas teorias, filhas de uma imaginação escandecida pelos pensares de errados sistemas”, buscando apresentar “provas incontestáveis” de que o “direito natural e a liberdade do homem nada mais eram do que uma sombra da realidade”. Pretendia permanecer firme “nos sagrados princípios de uma política conservadora”, propondo-se “a ir de encontro ao pensar de homens que, levados pela torrente dos sucessos da era, buscavam que suas ideias progredissem no choque violento das agitações populares”.

Citando “exemplos”, ao longo da história, considerava ter “provado com fatos verdadeiros os tristes efeitos de um governo democrático” e explicava

que, no Brasil, a aplicação dessas ideias levaria à desintegração político-territorial e à revolução:

Bem esclarecido está, não só pela experiência dos tempos, como também pelas ideias de sábios escritores, que semelhante forma de regime nos seria totalmente precário e ruinoso. Principiaremos pela falta de união das províncias, que, certamente, se separarão umas das outras, e que seria do Brasil uma vez retalhado e sem uma comunhão que o tornasse forte e respeitável? (...)

Se, pois, um semelhante desacerto, por desgraça nossa, houvesse de ter efeito, aí do triste Brasil, cujo nome de grande e rico Império ficaria sepultado nas ruínas e nos estragos da guerra civil e o poder de uma nação que se ergue altiva entre as nações do mundo, cairá retalhada nas mãos dos ambiciosos que almejam estender seus domínios nas terras de Santa Cruz.

O jornal ainda tinha um segmento denominado “Correspondência Particular do *Eco*” no qual “transcrevia” uma carta entre dois “compadres”, carregada de ironias e ataques aos “confessos inimigos”, que eram “os progressistas de meia tigela”, atacando a onda revolucionária na França, no mundo e no Brasil.

Desse modo, *O Eco* refletia a visão dos conservadores rio-grandinos sobre aquele momento histórico, marcado pela busca do fim da crise política e da eliminação do último foco revolucionário do país, representado pela Praieira no Pernambuco. Demonstrava também a reorganização política pela qual a Província passava a partir de 1848, com o predomínio dos conservadores que sustentavam uma constante

crítica aos liberais, atacando-os pelo “perigo” revolucionário que representavam, bem como, responsabilizando-os pelas recentes experiências de mudança na forma de governo e ruptura institucional pelas quais o Rio Grande do Sul passara, consideradas, pelos conservadores, como profundamente prejudiciais. Dessa maneira, os pronunciamentos dos saquaremas, inclusive os manifestados através de *O Eco*, pautavam-se no sentido de evitar a repetição dos “erros” aos quais os liberais teriam submetido os rio-grandenses.

O *Carijó* surgiu a 21 de agosto de 1853, como “periódico analítico e recreativo” (mudando, ainda no final do ano, para “jornal crítico e recreativo”), adotando como lema “*Si la parole du poète est quelquefois amère, a qui la faute?*”. Propunha ser uma publicação de periodicidade incerta, “em dias indeterminados, uma ou mais vezes por semana”. Em edição de dezembro de 1853, chamando a “Atenção” do público, citava no cabeçalho o conteúdo do “Artigo 179, § 4, da Constituição do Império”, fazendo direta alusão ao direito de livre expressão. Possuía quatro páginas, cuja assinatura custava, na cidade, 1\$000 mensais, ou fora dela, 3\$000 trimestrais. Aceitava todos os artigos, correspondências e comunicados, recebendo também, “grátis, qualquer artigo em prol da administração da Província, bem como os de interesse geral, pagando-se uma módica retribuição pelos de interesse particular”. Era elaborado na tipografia do *Rio-Grandense* e seu redator foi Pedro Bernardino de Moura, o próprio “*Carijó*”<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Segundo Francisco Rüdiger, esse jornal, assim como o estilo de seu redator, constituíram-se em exemplo típico do gênero

No primeiro número, *O Carijó* apresentava o seu “Programa”, tendo como proposta “rever os fatos” que chegassem ao seu conhecimento e, após “analisá-los”, emitir a sua “fraca opinião”, tarefa para a qual propunha todo empenho, envolvendo a totalidade de suas “débeis forças”. Procurou uma aproximação com o público leitor

---

pasquim, afirmando: “Notável (...) foi Pedro Bernardino de Moura, o ‘Carijó’. Iniciou sua carreira no Rio Grande, onde publicou o pasquim *O Carijó* (1853-1854), célebre pela linguagem virulenta e apaixonada, do qual ganhou o apelido. Posteriormente, estabelecido em Jaguarão, vociferou contra os conservadores locais pelo *O Jaguareense*, sofrendo por isso perseguição e atentado”. Editou o *Eco do Sul* e “em fins de 1858, foi obrigado a suspender a publicação do *Eco*, chamado de ‘nojento guardanapo’ pelas folhas situacionistas. Enfim, condenado por calúnia, permaneceu preso durante alguns meses em 1860. Entretanto em diversas polêmicas e processos criminais (...), o ‘Carijó’ manteria a pasquinagem até a morte”. RÜDIGER, Francisco Ricardo. O nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1985. p. 135. Sacramento Blake informa que Pedro Bernardino de Moura (1828-1880) “foi o jornalista que por mais tempo, sem um dia de descanso, lutou na imprensa; vinte e sete anos bateu-se, desfechando e aparando golpes sucessivos”. BLAKE, 1970. v. 7. p. 25-26. Abeillard Barreto destaca que Bernardino de Moura foi o fundador do *Eco do Sul*, que viria a ser um dos mais importantes periódicos rio-grandinos e, sobre *O Carijó*, afirma que o mesmo “desapareceu a 28 de fevereiro de 1854. Entretanto, a 17 de dezembro deste mesmo ano, ainda saiu um número, único aliás”. BARRETO, 1935. p. 5. Os únicos números encontrados foram os de 21 de agosto e 23 de dezembro de 1853.

através da demonstração de suas limitações, apontando para os possíveis “erros e defeitos”, advindos do “apoucamento da inteligência e da falta de estilo e costume de escrever para um juiz umas vezes demasiado severo, outras demasiado complacente” – a opinião pública.

O jornal ainda se propunha a analisar os eventos, somente quando tivesse capacidade para tal, ao mesmo tempo em que julgava ter conhecimento de causa, nos assuntos que pretendesse abordar. Dizia que pautava sua conduta na “verdade” e na “imparcialidade”, sem servir à “lisonja”, princípios limitados ao pronunciamento, pois, contra eles, o periódico cometeria vários deslizos, até pela sua própria natureza, que não abria mão da postura “crítica”. Assim, afirmava:

Portanto, toda e qualquer matéria sobre que emitirmos nossa opinião, estaremos aptos para desenvolvê-la e elucidá-la. Qualquer proposição por nós avançada levará o cunho da verdade. Tudo quanto dissermos será espontâneo, sem o menor vislumbre de lisonja ou servilismo. Nossas opiniões serão filhas do *imparcialismo* que nos caracteriza. Nenhuma consideração pessoal, por mais elevada que seja, suspenderá nossa censura, ou fará recuar nossa crítica. Eis a nossa missão; eis o que haveremos de cumprir.

Ainda na edição de 21 de agosto, foi apresentado um artigo intitulado “Aos senhores vereadores”, no qual o jornal empunhava a bandeira de defensor da principal atividade econômica da cidade, buscando apontar os culpados pelas dificuldades enfrentadas pelo comércio,

entre a “inércia” da população e a incapacidade dos vereadores, optando pelos últimos:

A riqueza e engrandecimento de qualquer lugar estão a par de seu comércio; aqueles caminham à medida que este progride, [sendo] o que se observa em (...) todos os lugares, mas o que infelizmente não se dá no Rio Grande; o seu comércio é, em grande escala, a sua riqueza imensa, porém o seu engrandecimento nenhum.

Não sabemos ao certo a quem culpar por semelhante decadência, se a Câmara por seu desleixo, se aos habitantes por sua inércia. Posto que vacilemos nesta dúvida, não podemos, contudo, deixar de confessar, que nos inclinamos mais a crer que a falta toda provém da Câmara Municipal, visto que ela é quem dispõe dos meios essenciais para atingir os fins.



# O CARIJO.

Periodico Analytico e Recreativo

Si la parole du poëte est quelconque  
-entre, à qui la faute?  
(Victor Leroux.)

O Carijó publica-se em dias indeterminados, uma ou duas vezes na semana. Aceita todos os artigos, correspondências, communicados etc., segundo o seu programma, independentemente de qualquer responsabilidade. Preço da assinatura 12000 rs. mensaes.

ANNO I.

DOMINGO 21 DE AGOSTO DE 1853

N. 4

## Programma.

Rever alguns factos que cheguem ao nosso conhecimento, analysal-os, e sobre elles emitir a nossa franca opinião, eis a tarefa que nos vamos impôr, e para cujo desempenho invidaremos todas as nossas debéis forças.

Não é de certo como um escriptor abalizado, que nos apresentamos em campo para esse fim, não; é sim, como um recto censor, inteiramente alheio a toda e qualquer consideração pessoal que nos propomos esta empreza; e, não tendo em vista mais do que a distracção dos leitores, e o desejo da extirpação d'alguns abusos, devidos á falta d'emulação, esperamos que nos sejam relevados nossos erros e defeitos, filhos do apocamento de nossa intelligencia, e da falta de estylo e costume de escrever para um juiz, umas vezes demaziado severo, outras demaziado complacente.

Concio pois das difficuldades que teremos a superar, para o desempenho de tão arduo missão, não tentaremos profundar arestas, que, superiores ás nossas forças, nos levariam sem duvida a um labiryntho, de que não poderíamos sair, sem grave detrimento de nossa dignidade.

Portanto: toda a qualquer materia sobre que emitirmos nossa opinião, estaremos aptos para desenvolvê-la e elucidá-la.

Qualquer proposição por nós avançada, levará o cunho da verdade.

Toda quanto dissermos será expontaneo, sem o menor vislumbre de lisonja ou servilismo.

Nossas opiniões serão filhas do imparcialismo que nos caracteriza.

Nenhuma consideração pessoal, por mais elevada que seja, superará nossa censura, ou fará retrair nossa critica.

Eis a nossa missão: eis o que havemos de cumprir.

A redacção do Carijó aceita todo e qualquer artigo, mesmo anónimo, não tratando de individualidades, aos quaes dará publicidade sob sua responsabilidade.

Os artigos serão remettidos em carta fechada ao Redactor, e entregues na typographia do Rio Grandense.

## Aos Srs. Vereadores.

A riqueza e engrandecimento de qualquer lugar está a par de seu commercio; e aquellas camilhões á medida que este progride: eis o que se observa em todos os paizes, e, em geral, em todos os lugares, mas o que infelizmente não se dá no Rio Grande (Cidade); o seu commercio é em grande escassa e sua riqueza immensa, porém o seu engrandecimento nenhum.

Não sabemos ao certo a quem culpar por semelhante decadencia, se á Camara por seu desleixo, se aos habitantes por

sua inercia. Posto que vacillemos nesta duvida, não podemos contudo deixar de confessar, que nos inclinamos mais a crer que a falta toda provem da Camara Municipal, visto que ella é quem dispõe dos meios essenciaes para attingir os fins.

Sim, ou os Srs. Vereadores não comprehendem a alta missão de que os oncarregaram os seus municipes, ou, comprehendendo-a, são tão desleitados no cumprimento dos deveres inherentes a tão elevadas posições, que pouco lhes importa o bem estar geral de todos aquelles, que nimamente consultados, lhes concederem seus suffragios.

São Srs. Vereadores lancem suas vistas para as ruas, bocas e torres desta Cidade, se reflectirem no que pode resultar de tão depravado estado; se se compenetrarem de que tem sob sua responsabilidade a saúde da população inteira; se olharem para essa Cidade, que ha poucos dias mandaram examinar por uma commissão, onde se achava uma immensidade de doentes affluídos, distraindo uma occisidade notiva em tudo e por tudo, attraído de certo que nos não de conceder que tenhamos razão de taxal-os de pouco zelosos no cumprimento de seus deveres, ou espão extranhos ás attribuições que lhes pertencem.

Deferoxo é na realidade para nós, vermos-nos cogitados a lançar mão de tão meios para atrahir a attenção de SS. Ss. mas como ao publicarmos sua inercia e desleixo não tomamos em vista mais, de que o desejo de prosperidade e conservação do nossos commidades, esperamos que não seremos stigmatizados por SS. Ss., antes cremos que nos agradecerão por lhes termos dissipados por este meio os sentimentos de dignidade e zelo, que até aqui adormecidos, acordaria com este pequeno avizo do Carijó que os deve tirar da completa inação em que até agora tem fazeido.

Já tínhamos escripto e se achava composto o prezante artigo quando lemos o effeito da Presidência da Provincia n. 23 de 5 de ~~congregação~~ <sup>congregação</sup>, publicados nos jornaes desta Cidade, o qual comprora o que se achava dito sobre o desleixo e relaxação dos Srs. Vereadores.

## A Função Lyrica do Sr. Caltagno.

Quando vimos annunciavel a para domingo 14 do corrente, a função lyrica do Sr. Caltagno, o Sr. Caltagno, sentimos na realidade dilatado, nosso coração, ao pensarmos nas delicias sensações que nessa noite teriam de arrebatrar nossos sentidos; julgamos e preparámo-nos para ouvir mil torrescenas d'harmônia, d'envolta com os sons mais mellozinhos, que, inundando-se em nossa alma, nos conduzia, sem

**ATENÇÃO.**

Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras e scriptos, e publical-os pela imprensa sem dependência de censura: com tanto que haja de responder pelos abusos que commetterem no exercicio deste direito, nos casos, e na forma que a lei determinar.

(Art. 179 § 4 da Const. do Imp.)



**O CARIO**

publica-se indeterminalmente, duas ou mais vezes na semana. Recbe gratis qualquer artigo aprol da administração actual da provincia; bem como os de interesse geral; pagando-se uma modica retribuição pelos de interesse particular.

**PREÇOS DE ASSIGNATURAS.**

Nesta cidade 12000 por mez fora d'ella 32000 por trimestre.

# O CARIO

## Jornal Critico e Recreativo.

Si la parole du poëte est quelquefois amère, à qui la faute ?  
(Victor Leroux.)

---

ANNO I.

SEXTA-FEIRA 23 DE DEZEMBRO DE 1853.

N. 6.

**Mofina do Cario.**

A natureza foi tão justa para com o deputado provincial Antonio José Caetano da Silva, que lhe dotou as faces da cor do estanho; nada ha no mundo que as faça corar.

---

**O CARIO.**

**O DEPUTADO PROVINCIAL ANTONIO JOSÉ CAETANO DA SILVA. — EX-ADMINISTRADOR DA MESA DE RENDAS DESTA CIDADE.**

Revolve-tens no d'onde nasceste,  
Ruge, morde-li peçonhento animal,  
Cujos dentes viperino não poupa.  
Nem a honra da família mais honesta,  
Nem do ancão as cans mais respeitaveis.  
(P. B. de Moura. Poemas inéditas.)

Esfaldado mortal

Que na carreira de teos mesquinhos dias,  
Tantos crimes torjastes. Tanto  
E tanto a innocencia persegustea  
Olla, contempla, e ..... (teme).  
(S. S. poesias avulsas.)

(Continuação do n. 5)

Agora que temos patenteado os justos motivos que levarão a presidencia da provincia a lavar o acto da demissão do Sr. Antonio José Caetano da Silva; agora que temos sombreando o quadro que esse homem havia colorido a seu bel prazer; é justo que, lançando sobre elle espesso véo, tratemos de encerrar a vida desse homem pelo verso desse quadro.

Não nos occuparemos de tratar de todas quantas

infamias esse ente ha praticado em sua juventude, porque muitas dellas podem ser desculpadas, e outras devem recahir sobre aquelles que tinham a seu cargo o incutir-lhe, a pouco e pouco, os sentimentos do brio e de vergonha.

Não é de certo no centro do debocho e da devassidão, chafurdado no lodacal de tudo quanto ha de torpe, que se podem adquirir nobres sentimentos; antes pelo contrario, se alguns laivos existem no coração daquella que ali se lança, vão pouco e pouco esvaecendo-se the que afinal a propria lembrança da existencia desses sentimentos se varre da memoria.

Eis o que de certo aconteceu a Antonio José Caetano da Silva; na idade apenas do entendimento, atirado ao abandono e ao lodo da devassidão, não podia de maneira alguma deixar de prostituir-se, e de embolar-se em seu coração todo e qualquer bom sentimento, de que a natureza por ventura o houvesse dotado. Não pezarão porém, como disemos, sobre elle a responsabilidade moral de sua prostituição, passaremos por a'to sobre todo esse amontoado de loucuras, desvarios e até de crimes; e o o acompanharemos quando, trazido pelas azas da fortuna (sempre disposta a proteger tudo quanto é mau) aportou de novo às plagas do Rio Grande.

Dotado, alem de outros, de um sentimento de perversidade inaudita, possuindo aquella habiildade com que a natureza costuma dotar todo o ente propenso ao mal, elle, posto que sua ignorancia o inhibisse, atirou-se com tudo á carreira que melhor lhe pareceo facilitar-lhe os meios de adquirir uma pequena posição. Essa carreira foi pois aquella que mais nobreza e sublimidade encerra em sua essencia; a do jornalismo.

Elle porem que a sua intelligencia nunca lhe facultou comprehender a missão d'um escriptor, assentou

Sendo publicado “indeterminadamente”, *O Carijó* não conseguiu circular constantemente, visto que, um outro exemplar, datado de 23 de dezembro de 1853, apresentava o número 6, significando que, em quatro meses, publicaram-se apenas seis números, bem diferente da proposta inicial de circular “uma ou mais vezes por semana”. Revelavam-se, assim, as amplas dificuldades que enfrentavam, à época, os responsáveis pelos jornais, pois, apesar da pequena quantidade de números em circulação, em uma matéria editada naquela data, intitulada “Pequeno Folhetim”, o periódico comemorava a continuidade de sua existência.

Essa edição de 23 de dezembro foi praticamente toda dedicada a ferrenhas críticas ao jornalista e deputado provincial Antônio José Caetano da Silva, além de trazer em seu conteúdo uma profunda desilusão para com a política:

Isso de política é um lamaçal onde o homem emporcalha-se todo sem proveito; tanto me importa governar um como outro partido, encaro estas coisas como se deve encarar; e o mais “*viva la patria*” – como diz o espanhol.

Assim, enquanto circulou, o que não duraria além de 1854, *O Carijó* não atuou com a “imparcialidade” prometida. A discussão da política parecia algo inerente ao redator, envolvendo-o por mais que ele mesmo argumentasse que dela quisesse se afastar (ou, talvez, que outros quisessem que ele se afastasse):

... ai, ai, ai, ai... onde vou? Sem dúvida atolar-me no charco da política, quando há pouco dizia que era indiferente a essas coisas.

Em setembro de 1862, circulava no Rio Grande um jornal que se intitulava como “literário, recreativo e noticioso”, era *O Independente*, de “propriedade de Fonseca, Silva, Cardoso e Campos”, com quatro páginas impressas na Tipografia do *Comercial* e assinado por 500 réis mensais. Como pasquim, utilizava uma linguagem coloquial e até informal para com o seus leitores.

Naquela edição comemorava o seu segundo número, dirigindo aos assinantes os seus “habilíssimos agradecimentos” e respondendo às “solicitações” de seu público leitor:

Porém, com a nossa tagarelice não dissemos em que consistia o pedido [do público], tem alguma coisa de tão misterioso, assustador e terrível (...). É a política, aquela fina invenção da intriga e dos interesses que em tudo se mete, deixando sempre um sinal que faz descobrir a sua origem infernal. (...)

Às vezes, (...) havemos de encaixar alguns artigos políticos com firmeza e resguardo. (...)

Munidos de toda esta artilharia grossa e miúda, satisfaremos os nossos assinantes.

Anno I. Segunda-feira 15 de Setembro de 1862. N. 2.

# O INDEPENDENTE.

Este Journal é litterario, recreativo e noticioso e propriedade de FONSECA, SILVA CARREIRO E CAMPOS.

Subscrire-se na typographia do «Commercial» por 500 rs. mensaes.

## O INDEPENDENTE.

### AOS NOSSOS FAVORECEDORES.

Apenas o primeiro numero do nosso jornalzinho sahio á luz e já a affluencia dos assignantes nos obriga a dirigir-lhe nossos humilissimos agradecimentos pelos favores que nos dispensou.

Mas, se o cofre das graças abriu-se para deixar sahir abundantes bens, o das exigencias não ficou fechado.

Não são condições que nos sejam impostas, é um pedido feito com tanta meiguice que nos põe na triste realção de aceitar ou desagradar a muitos dos nossos favorecedores.

E que será o tal pedido dirão alguns dos nossos leitores.

Algum milagre, appareção ou nova historia do diabinho da mão furada?

Se fosse só isso, facilmente serião satisfeitos.

Algum artigo critico, revista semanal, folhas ao vento, correspondencia supposta ou cousa que o valha?

Nada disso, e mais importante, mais difficil e menos interessante.

Para uma critica, não fálho typos; para revistas semanaes, um mosaico de mentiras arranjadas n'um estylo pesado e insulso; para *folhas ao vento* algumas tiras de papel amago com alguns pensamentos alheios, reproduzidos com insolencia e impingidos por obra de casa; para *correspondencia* tomase qualquer papeluxo, borla-se sobre aquella talagarda um qualquer ramalhete de dormideiras ou cravos de defunto, amarrado com algumas citações francezas ou inglezas, em vez de flitas, assignão-se *Cutão, Franklin ou Mephistopheles*, e lá vai para o dominio publico e admiração das gerações presentes e futuras a estupenda peça d'architectura.

Porém, com a nossa tagarelice não diemos em que consista o pedido... tem alguma cousa de tão mysterioso, astutissimo e terivel, que só de lembrarmos-nos delia arripilão-se-nos as carnes.

É a politica, aquella finainvenção da intriga e do interesse que em tudo se mette, deixando sempre um signal que faz descobrir sua origem infernal.

O que desanima e reconhecemos que de um pequeno formato só um jornal tivemos nesta cidade, que foi além de todas as esperanças, realisando a grandeza de seu titulo, creando um partido, convertendo os infelizes patriotas e impondo respeito á multitudes de papo amarello, que se viu em calças pardas, quando seus redactores lhes tocam a pavana.

O jornal chamava-se — O POVO — era do povo, para o povo, e o povo, que a intriga lhe teve per-

suadido que sua ventura consistia em aliaxar a cabeça, quando alguns privilegiados levantavão a sua: em dizer *amen*, quando de suas boccas sahão as sacramentaes palavras: *a canalha brama, atire-se-lhe um osso*.

E o povo esqueceu seu orgão, derrubou o idolo que lhe levantara e adorara, fez emudecer o oraculo que lhe predizia o futuro, acobitou a Cassandra que tanto se desvelava pela sua ventura.

Não importa, sem sermos da altura do *Povo*, somos do povo e satisfacemos as exigencias dos nossos assignantes.

Tratemos da politica, mas de um modo que realize a epigraphia *Ritendo castigat moris*, do homem mosaico, que por não ser de sua lavra, não nos pode tratar de plagiatos, sem incorrer na mesma pena.

As vezes, quando faltar a materia (do que Deus nas livres e guardel!) havemos de encaixar alguns artigos politicos, com firmeza e resguardo, para não despertar a desconfiança dos professores e da terra que, nesta sciencia profunda, dão sota e basta á qualquer espertalhão que tentasse, como elles, pescar em aguas turvas.

Pelo proximo vapor receberemos algum sortimento de noticias, e lá dos campos de Piratininga e de Macioi algum amigo nos hade informar do estado daquelles pagos onde governa a sabedoria, o commodo e o prazer, onde nos seus harmoniosos trinado os passarinhos repetem n'um continuo concerto: *ditosa condicção, ditosa gente!*

Mundos de toda esta artilharia grossa e miuda, satisfaremos os nossos assignantes e mereceremos tamar numero de 500 rs. mensaes.

Temos dito (com a devida venia do redactor *Tutu*)

## NOTICIARIO.

**Cardinalidade.** — O collega do *Diario* em seu numero de quarta-feira leva a bondade de dispensar á apparição de *nosso* pequeno jornal, algumas phrases repassadas de cordalidade; agradecendo o seu lisonjeiro acolhimento, garantimos ao collega que tudo invidaremos para merecer-lhe a continuação de sua sympathia.

Ao collega do *Echo do Sul* agradecemos tambem a benevolencia com que nos tratou, apezar do esquecimento que lá tendo.

**Para muito tarde.** — Fica em nosso podera *Chronica Nortense*, que por falta do espaço deixamos de publicar neste numero o que fateamos segunda-feira proxima.

*O Independente* procurou seguir o modelo dos periódicos diários, informando notícias sobre o movimento da Barra e o movimento do telégrafo, porém, sua predileção era pela crítica política, como ao reclamar da Câmara de Vereadores, questionando se a mesma:

Estava esquecida que ao povo deve o lugar que ocupa, que a sua eleição é a mais livre porque é direta, mas que impõe deveres de gratidão e patriotismo que nunca devem ser esquecidos?

Apesar de seus propósitos de “ser do povo”, mesmo sem estar “à altura” do mesmo, mas buscando satisfazer “as exigências de seus assinantes”, *O Independente* teve curta existência<sup>14</sup>.

Também no início da década de 1860, foi publicado no Rio Grande *O Liberal*, um semanário “político, literário e recreativo” de quatro páginas, que custava 1\$500 trimestrais, editadas na Tipografia do *Comercial*, tendo “Alves & Ferreira” como proprietários.

---

<sup>14</sup> O único número encontrado foi o de 15 de setembro de 1862. Abeillard Barreto não faz referências à existência do jornal além de setembro de 1862. BARRETO, 1935. p. 5.



# O LIBERAL.

RIO GRANDE.

ANNO I.

N. 3.

Jornal político, litterário e recreativo.

Proprietários--- Alves &amp; Fonseca.

Assinatura por trimestre \$500 e publica-se todas as segundas feiras.

(Pagamento adiantado.)

SEGUNDA-FEIRA

26 JANEIRO

DE

1889.

## O LIBERAL.

### A questão Anglo-Brasileira.

A attitudo cheia de dignidade que o governo Imperial soube tomar na desgrazada questão Anglo-Brasileira, é um dos actos que symbolisam a mudança da politica do paiz.

Em outras circumstancias, não menos difficis, porém achando-se á frente dos negocios publicos homens de outra energia, nenhuma medida energica, nenhuma resposta digna de homens livres foi dada á tempo para repellir os insultos, ou demonstrar que a força pôde abater um povo, mas não subjugal-o nem obrigal-o a passar sob as forças estranhas.

Era preciso que o partido nacional, cognominado — liberal — depois de muitos esforços e sacrificios occupasse as pastas ministeriaes, para elevar-se á altura da sua missão; repellir com toda a nobreza de caracter humilhantes proposições, e fazer ao paiz o maior serviço, dando-lhe a oportuna occasião de manifestar seus sympathias e sua adhesão para a manutenção intacta do nosso systema livre, das instituições venerandas, e sobre tudo da susceptibilidade nacional, quando injustamente se pretende dictar-lhe leis ou exigir satisfações inteiramente oppostas á sua dignidade, e repugnantes á seu distincto caracter.

Mas, no meio das enervadas provas de confiança dadas ao governo; entre estas manifestações publicas de que o Imperante e seus ministros foram o objecto, é triste e vergonhoso que alguns homens distinctos na escala social, entusiasmados pelo patriotismo de um povo, suggerindo á alguns rechaçados caracteres, ideias que excitassem o mesmo povo para manchar com alguns desatinos sua conduta, digna dos maiores elos.

Tanto é verdade que o fanatismo de partido é um pessimo conselheiro, mirando quando o dirigiu no despojo e á misera ambição de dirigir os destinos do paiz, quando este tanto nas eleições como na imprensa honesta, tem lhe recusado positivamente sua confiança.

Queriam aquelles homens, que por longos annos mergulharam o Brasil no indifferentismo e o obrigaram á uma estranha luctuosidade, dar ganho de causa ao estrangeiro, que, sem justificaveis motivos, tentaria impor sua vontade e mostrar ao mundo civilizado,

que não mereciam o distincto lugar que nelle occupamos?

Queriam por ventura aquelles obscuros, que alguns pinhaes, habilmente manejados por improvisados sicarios, tingissem de sangue a questão que se debatia, e que algumas victimas innocentes fossem o holocausto offerido á seu despojo, á sua vingança, á sua honra?

Felizmente o não conseguiram, porque erão os homens mais respeitaveis e respeitados pelo povo, que presidião suas reuniões, que se punha á frente de seus movimentos, para que esse nunca se desviasse do verdadeiro caminho.

A presença destes homens reconhecidos como a egide e o parol do povo bastava para imprimir á todas as manifestações publicas o unico cunho que lhes convinha: *Prudencia e dignidade*.

Conseguiram seu fim, e o paiz em massa deve hondizar seus nomes e tributar-lhes seu eterno reconhecimento.

Um governo ou seu ministro pôde ser exigente, ultrapassar os limites de uma politica sana e conciliadora, commetter e autorisar actos poucos dignos de seu caracter, de sua força, e da sua importancia na balança universal, porém nenhum motivo pôde autorisar as represalias feitas contra cidadãos pacificos, entre nós estabelecidos e contribuindo directa e indirectamente ao seu commercio, para o bem estar do paiz.

Interiormente são elles os primeiros á deplorar as miérias dos seus agentes, desaprovar sua conduta precipitada, e ante-ter o resultado das funestas consequências que dali podem nascer.

Estes homens cujos interesses são estreitamente ligados com os nossos, que vivem entre nós, gosando de todos os fôros que nossas leis liberas concedem, não podem ser nossos inimigos, não podem desejar que, para augmentar com alguns raios de falsa gloria, a aureola que circunda o escudo de seu paiz, seu governo, feche os ouvidos ás justas observações do nosso, e deixe de reconhecer a justiça que nos assiste.

Se estes homens respeitaveis são realmente amigos do paiz, pôde sem injusticia o paiz consentir o menor insulto que os possa offender?

A saia da sociedade não tem por dever garantir a opella sua influencia contra qualquer occurrencia que possa sobrevir? Da certo que sim, pensar de outro modo seria

aparelhar nos com os povos barbaros, retrogradar de alguns seculos para os calamitosos tempos em que imperava despoticamente a força bruta.

Graças ao céo, nenhum signal de qualquer acto menos digno do paiz tom apparecido, desde que chegarão as noticias que tanto impressionario os espiritos, e esperamos que nenhum appareçca, porque os nossos concidadãos sabem qual é seu dever, e as obrigações á que são ligados pela pacta social que lhe dá tanto orgulho, justificado pela sua nobre conduta em todas as emergencias.

Se na corte alguns espiritos disculos e exaltados, quizerão tentar deploraveis desforças a não o conseguirem, temos toda a razão para crer, que será á spreçada qualquer suggestão que animasse demonstrações que o bom senso reprovava, e que o verdadeiro patriotismo nunca pôde applaudir.

## NOTICIARIO.

Ilion. — Haverá na sociedade Instrução e Recreio a partita mensal.

Consta-nos que se tocará o hymno nacional, antes do baile, como homenagem ao nosso illustrado Monarcha, Protector dessa sociedade, pela attitudo energica e animadamente patriótica que elle tomara na emergência porque passamos, motivada pela insolencia britana.

DEMONSTRAÇÕES PATRIÓTIICAS. — Na noite de 18 do corrente, depois de ter a Companhia dramatica — Italia — representado no theatro 7 de Setembro, o 1.º acto do drama *Leão Forte Spada*, os espectadores pediram que a orquestra tocasse o hymno Nacional, depois do qual o Sr. sublegrado Guimarães deu um viva ao Imperador. Então dos camarotes e plateia os mais entusiasticos vivas ao Ministerio actual, aos venerandos Sr. Marquez de Olinda e de Albranes, ao Sr. Sinimbu, á Nação Brasileira, á Independencia, á União dos Brasileiros, ao Sr. T. Ottoni, e muitos outros forão dadas.

No fim de segundo acto a companhia — Italia — apresentou sua expontaneamente em scena e cantou o hymno nacional, sendo coberta de applausos uma lettrinha improvisada pela Sra. D. Rosina, e por ella cantada com todo o fogo do patriotismo.

O Sr. Furtado Coelho, D. Eugenio, A. G. G.

Esse jornal, que provavelmente surgiu em janeiro de 1863<sup>15</sup>, defendia o grupo dos liberais, considerados como os “homens mais respeitáveis e respeitados pelo povo, que presidiam suas reuniões, que se punham à frente de seus movimentos, para que este nunca se desviasse do verdadeiro caminho”, eram assim, segundo o periódico, “reconhecidos como a égide e o farol do povo”. Já os conservadores eram vistos como “aqueles homens que, por longos anos, mergulharam o Brasil no indiferentismo e o obrigaram a uma parada lastimosa”, seguindo um “fanatismo de partido”.

O *Liberal* fazia manifestações fortemente patrióticas a respeito da posição brasileira diante da Grã-Bretanha nos episódios que envolveram a Questão Christie, classificando-a, no artigo “A Questão Anglo-Brasileira”, como uma “atitude cheia de dignidade” e publicando versos de enaltecimento à postura diplomática brasileira<sup>16</sup>. Segundo o jornal as elogiadas

---

<sup>15</sup> O exemplar encontrado deste jornal data de 26 de janeiro de 1863, como apresentava o número 3, o mais provável, se a folha conseguiu seguir, no princípio, a periodicidade prevista, é que a mesma tenha surgido em janeiro daquele ano. Nenhum dos autores que aborda os jornais rio-grandinos faz referências mais precisas quanto ao período de existência de *O Liberal*. Abeillard Barreto limita-se a enquadrar o periódico na década de 1860. BARRETO, 1935. p. 5.

<sup>16</sup> Dentre essas expressões de ufanismo, pode-se destacar os versos: “Repeli brasileiros/ Da soberba Albion a prepotência/ Dos brios vossos tirastes a força/ Contra a força afrontosa da insolência/ Qual de vós deixáreis filhos valentes/ Deste heroico país tão esforçado/ Impune o pó que foi germe do insulto/ O rosto seu manchar não maculado/ Fiéis escudos do Trono Brasileiro/ Vós da pátria, Titãs em valentia/



atitudes brasileiras também eram fruto da influência liberal:

Era preciso que o partido nacional, cognominado - Liberal - depois de muitos esforços e sacrifícios ocupasse as pastas ministeriais, para elevar-se à altura de sua missão, repelir com toda nobreza de caráter, humilhantes proposições e fazer ao país o maior serviço, dando-lhe oportuna ocasião de manifestar suas simpatias e sua adesão para a manutenção intacta do nosso sistema livre, das instituições venerandas e, sobretudo, da suscetibilidade nacional, quando injustamente se pretende ditar-lhe leis ou exigir satisfações inteiramente opostas à sua dignidade e repugnantes a seu distinto caráter.

A existência de *O Liberal* refletia, na primeira metade da década de 1860, o cenário político vivido no Rio Grande do Sul, no qual os liberais históricos, não afinados com o Partido Liberal Progressista, buscavam a reorganização do Partido Liberal.

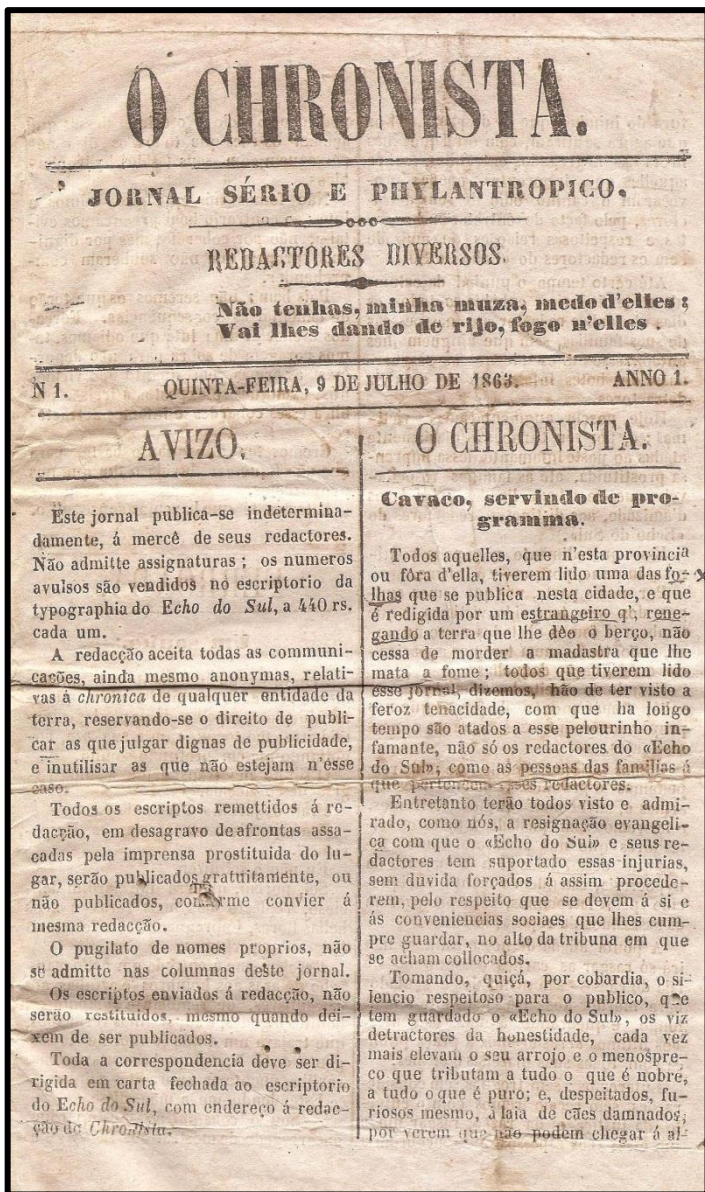
Um dos pasquins mais agressivos que a cidade do Rio Grande possuiu foi *O Cronista*, que, apesar de autoproclamar-se como “jornal sério e filantrópico”, utilizava praticamente todas as suas oito páginas para atacar determinadas pessoas ou circunstâncias. Surgido a 9 de julho de 1863, tinha até como lema uma frase

---

Defendei com vigor vossos direitos/ Que insultou violadora  
tirania/ Os foros que gozais de povo livre/ De já mortos  
heróis santo legado/ Pelas cinzas desses bravos sustentá-los/  
Tornei o solo nosso respeitado!”.

provocativa – “Não tenhas, minha musa, medo deles: vai lhes dando de rijo, fogo neles”. Já em dezembro de 1864, mudavam as palavras, mas não o tom agressivo, que se tornava ainda mais incisivo e direto, passando o dístico a ser o provérbio popular “quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Apresentava-se como obra de “redatores diversos”, sendo impresso na tipografia do *Eco do Sul*.

No primeiro número, *O Cronista* informava que seria publicado “indeterminadamente, à mercê de seus redatores”; não admitia assinaturas, sendo seus números vendidos de forma avulsa a 440 réis cada um. A redação aceitava “todas as comunicações”, mesmo que anônimas, “relativas à crônica de qualquer entidade da terra”, porém, reservava-se o direito de publicar somente as que julgasse “dignas de publicidade”, inutilizando as que não se enquadrassem nesse caso. O periódico colocava-se, praticamente, como veículo à disposição para a prática do direito de resposta, pois se propunha a publicar, de acordo com as conveniências de seus redatores, “todos os escritos remetidos à redação, em desagravo de afrontas assacadas pela imprensa prostituída do lugar”. Também dentre seus princípios, contava com um que, de acordo com o estilo da folha, tornava-se inexecutável, ao afirmar que “o pugilato de nomes próprios” não seria admitido nas colunas do jornal.



# O CHRONISTA.



**Quem com ferro fere  
Com ferro será ferido.**

Não tenhas, minha muza, medo d'elles,  
Vai lhes dando de rijo, fogo n'elles.

ANNO II. Quinta feira, 1.<sup>a</sup> de Dezembro de 1864. N. 2.

## O CHRONISTA.

### Aos homens de honra.

**Quem com ferro fere  
com ferro será ferido!** —

Eis a legenda do divino Mestre, que adulterada pelos reprobos da christandade, se atirou ás turbas para cuspir-se á face do homem honesto e laborioso, a infâmia e torpezas que encerram a vida d'aquelles que traficam com todos os sentimentos que elevam o coração humano.

Legenda de sangue, que submissos aceitamos, mas que declinamos a responsabilidade do seus effeitos, e protestamos contra aquelles que os provocaram.

Levante-se o holocausto; sacrifique-se as victimas; corra, não o sangue, porem mais do que isso, o pudor, a honestidade, a virtude da mulher que inextinguível e inerte, sem outro apoio mais que a religião de seus deveres, ahí se arvora como instru-

mento de paixões ignobis, ahí se trafica com ella, ahí se arroja, como reptil immundo, aos pés das turbas, sempre a ser o alvo desses espectáculos de escandalos e prostibulos.

Não importa : — á testa dessas turbas, se acha o representante da lei, o agente da autoridade publica, o pai de familia, o homem que tudo sacrifica a seus odios, á sua vingança : — todos o conhecem ; — temos vergonha, mas não medo de nomeal-o.

Não importa ; chegou a epocha em que o Rio Grande deve pagar um tributo de vergonha e opprobrio ; chegou a epocha em que esta terra, que outrora simbolizava a heroicidade, se vê preza de um vandalo, que, impunhando o gladio da autoridade que lhe confiou a immoralidade e a corrupção, fez desse gladio a carabina do salteador, e rodeado dos seus faccinoras, ahí ataca sem distincção, por todas as esquinas e ruas, a bolsa, a honra e a vida do cidadão honesto e laborioso.

Chegou a epocha em que n'esta terra, outrora império de civilização e de progresso, um homem sem lei

A folha, em sua edição inicial, apresentava seus intentos, em matéria intitulada “Cavaco servindo de programa”. Destacava que surgia praticamente como uma resposta e na defesa dos redatores do *Eco do Sul*, os quais considerava atacados injustamente pela “imprensa prostituída” da cidade, e prometia reagir:

Até certo tempo, o punhal da calúnia e da injúria embebia-se todos os dias naqueles redatores e nas pessoas de suas famílias, sem que ninguém lhes antepusesse um escudo que os resguardasse dos botes infamantes de seus vis detratores. Hoje, porém, aumentaram as vítimas [que], por seu turno, são diariamente atadas ao poste infamante dessa imprensa prostituída (...).

Fomos feridos naquilo que mais respeitamos e prezamos, com as mesmas armas, e talvez mais aguçadas, feriremos (...) sem piedade a todos os salteadores que nos atacaram.

Seu “programa” era concluído de forma ainda mais ameaçadora, garantindo que, como detentor da “justiça”, estaria na obrigação de atacar e expor as “falhas morais” de seus inimigos:

Lutaremos, sem tréguas, sem considerações, sem receio, iremos com o cutelo da justiça e da razão rasgar um a um esses véus aspersos que encobrem a podridão, o vício e o crime, desses que açulam os cães que todos os dias nos perseguem com seus latidos hidrofóbicos. (...) Pois bem, não seremos os que terão de lamentar as consequências. Forçados a encetar uma luta que odiamos, temos coragem de sobra para não depormos as armas, enquanto não virmos nus,

exangues e expostos à irrisão pública esses covardes e infames detratores.

Ainda no número um, foi escrito um artigo denominado “Ferroada”, no qual a folha atacava diversas pessoas da cidade, sem identificá-las direta e abertamente, através de linguagem figurada e comparações com coisas e animais, mantendo o estilo de redação ao utilizar fartamente palavras de forte conotação pejorativa como “parasita”, “libidinoso”, “safado” e “cachorrada”.

Em outro exemplar de *O Cronista*, datado de 1º de dezembro de 1864, o jornal continuava com sua linguagem virulenta. A título de exemplo, pode-se citar o ataque promovido contra um certo Ribas (provavelmente o chefe de polícia Antônio Antunes Ribas), com versos chulos e ricos em desqualificativos:

O Ribas é um rafeiro  
Que tem cara de sendeiro  
E um corpo mui esguio!  
Além disso é um tratante  
Um infame sacripante (...).

O Ribas é um bandalho  
Que merece um bom vergalho  
Para não ser danado cão  
É um vil leproso  
Com passado bem famoso  
Com presente de ladrão.

Assim, apesar de uma existência não muito longa<sup>17</sup>, *O Cronista* deve ter provocado, através de suas cortantes críticas e ataques pessoais, alguma agitação na vida rio-grandina, ou pelo menos entre seus leitores, ou ainda, principalmente, dentre os seus desafetos.

Já na segunda metade da década de 1860, ainda circulou, na cidade do Rio Grande, outro periódico do gênero pasquim, foi *O Guarda Nacional*<sup>18</sup>. Esse jornal não prestava maiores informações em seu cabeçalho, destacando apenas que era publicado “em dias indeterminados na Tipografia Moderna”, de modo que não identificava a responsabilidade de sua autoria. A intenção dessa folha foi atacar o “Comandante Superior da Guarda Nacional”, tendo em vista suas determinações quanto à corporação que comandava.

---

<sup>17</sup> Não há referências quanto ao número de publicações de *O Cronista* entre 9 de julho de 1863 e 1º de dezembro de 1864, datas dos dois números encontrados. Quanto ao seu período de circulação, Abeillard Barreto, com dúvidas, supõe que o jornal ainda conseguiu ser publicado até 1865.

<sup>18</sup> Somente o número 2, de 14 de dezembro de 1866, desse jornal foi encontrado, não havendo nenhuma referência sobre o mesmo dentre os autores que historiaram a imprensa rio-grandense e/ou rio-grandina.



# O GUARDA NACIONAL.

Publica-se em dias indeterminados, na typographia MODERNA, rua Zallony n. 37.

ANNO I. RIO GRANDE. TERÇA-FEIRA. 14 DE DEZEMBRO DE 1866. NUM. 9.

## O GUARDA NACIONAL.

O Sr. Commandante Superior da Guarda Nacional.

A ordem do dia é a anarchia DETERMINAÇÃO lavrada pelo Sr. commandante superior da guarda nacional designando os officiaes e praças para o 3º corpo do exercito que o bravo general Ozorio achase encarregado de organisar.

Pensaria na opinião publica o Sr. commandante superior quando propôz semelhante ordem, ou julgou poder mofar-se d'ella?

Mereceria tão pouco conceito? Estará S. S. accostumado a já não fazer caso d'ella? Assim o cremos a julgar-mos pelo seu procedimento.

O Sr. commandante superior, pensando talvez que a opinião publica feixaria os olhos ao seu QUERO POSSO E MANDO, lançou mão d'uma vil arma, a—superioridade,—para satisfazer sua caprichosa vindicta!

Rasgou, n'um accesso de furor, a legislação da guarda nacional q' possuia e julgou assim poder faser o que a sua imaginação escandecida ou o mau impulso do seu coração pretendia. Esqueceu-se de que era homem para só lembrar-se que era fera; pois que fera é o homem que em si não tem sentimentos humanitarios.

E depois, quando fôr apeado do lugar em que se acha colocado; lembrando-se do passado só encon-

trará pezares que o magoem e rostos humanos cuja vista o ha de affligir, maldições que o acompanharão por toda a vidas em poder obter indulgencia! Ha de dar profundos suspiros pela lembrança dos seus crimes e a desesperação virá acompanhada de seu cortejo de horrores.

Sobre quem lançou S. S. seu fero olhar? para os pobres operarios da secção d'Artilheria!... por que são pobres quer S. S. exclui-los da sociedade, bani-los de sua patria, de seus pais e seus amigos? que mal lhe fizeram? por acaso serão infames salteadores, homens que só vivem do seu trabalho, que não são pesados á sociedade, como o são muitos colocados no de grau da sociedade em que S. S. está? Talvez o defeito que tenham é serem virtuosos porque são pobres. Serão por acaso monstros que devem ser repellidos da sociedade? São homens como vós, deveis amalos, são infelizes que deveis respeitar e mitigar-lhes as dores.

O officioso Sr. commandante superior querendo talvez ganhar as boas graças do governo, offereceu ao Exm. barão do Herval praças da guarda nacional do seu commando para engrossarem as fileiras do 3º corpo do exercito. O offerecimento foi aceito por aquelle Exm. Sr. com a clausula de serem aquelles que estivessem no caso.



*O Guarda Nacional* afirmava que “a ordem do dia era a anarquia”, tendo em vista as determinações daquele comandante que, segundo o jornal, não levava em conta a opinião pública, lançando “mão de uma vil arma, a superioridade, para satisfazer sua caprichosa vindita”. Acusava o comandante de “rasgar, num acesso de furor a legislação da Guarda Nacional”, julgando “assim poder fazer o que a sua imaginação escandecida ou o mau impulso do seu coração pretendia”, tendo em vista os critérios adotados para a convocação dos componentes à Guarda Nacional.

Segundo o jornal, o comandante da Guarda Nacional só tinha um alvo:

Sobre quem lançou S. S. seu fero olhar? Para os pobres operários (...) porque são pobres, quer S. S. excluí-los da sociedade, bani-los de sua pátria, de seus pais e seus amigos? Que mal lhe fizeram? Por acaso serão infames salteadores, homens que só vivem do seu trabalho. (...) Talvez o defeito que tenham é serem virtuosos porque são pobres. (...)

S. S. banqueteia-se ao sussurro dos prantos e lamentos que essas desditosas mães vertem, como Nero banqueteava-se ao crepitante estalar das chamas que incendiavam Roma e ria-se ao ouvir as lamentações do pobre povo!

Desse modo, *O Guarda Nacional* demonstrava os problemas gerados na cidade a partir do esforço de guerra e a constante arregimentação de forças provocados pela Guerra do Paraguai, adotando-se uma série de providências defensivas devidas ao temor de que os *blancos* uruguaiois se rebelassem, em apoio ao

Paraguai, e, invadido a Província, chegassem até a cidade do Rio Grande. Esse receio levou à mobilização de todos os contingentes possíveis e, quanto à Guarda Nacional, o problema da convocação era ainda agravado devido à sua composição<sup>19</sup>.

A mobilização de setores da população economicamente ativa trazia implicações socioeconômicas negativas para a cidade, levando à publicação de um jornal que, em nome dos “pobres” e do “povo”, protestava contra tal situação.

Assim, embora tenham existido alguns pasquins tardios, o período entre as décadas de 1840 e 1860 foi a época na qual mais eles apareceram, caracterizando um dos setores da imprensa rio-grandina por uma índole combativa, agressiva e contestatória<sup>20</sup>. Suas existências

---

<sup>19</sup> O Conde D’Eu, no seu “diário de viagem” refere-se aos contingentes desta guarnição: “Compõe-se a Guarda Nacional unicamente de habitantes da cidade, na maior parte empregados do comércio. Por isso não se vê nela um só homem de cor, e o tipo geral indica um grau de educação superior ao dos guardas nacionais do norte. Em compensação, os oficiais mostram bem no aspecto que saíram agora mesmo dos seus escritórios e dos seus estabelecimentos de venda, e que vão já voltar para lá”. EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão d’Orleans, Conde D’. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1981. p. 23.

<sup>20</sup> Francisco Rüdiger explica, quanto ao pasquim, “que o personalismo foi seu traço mais destacado, característica que não expressa senão a falta de estruturação do campo político à época. No entanto, isto não significa que ele escapou às articulações com os processos sociais então verificados na Província. Pressupondo ideias, ainda que genéricas, sobre o político-social, a pasquinagem foi sua produção de sentido

exíguas, na maioria dos casos, eram devidas às suas próprias características de polemizar, atacar ou dar uma resposta diante de determinadas circunstâncias muitas vezes passageiras. Além disso, em boa parte, foram publicações anônimas, prática ilegal, sendo previstas sanções à circulação desse tipo de impresso, pela legislação então vigente.

No que tange aos pasquins rio-grandinos de caráter tardio, eles apareceram como reflexo das próprias disputas políticas que, em alguns casos, levaram indivíduos a enfrentarem-se, do ponto de vista pessoal, através da imprensa<sup>21</sup>. Essas folhas continuaram na prática do jornalismo opinativo, usando uma linguagem ferina, direta e informal para com o público. Alguns procuraram pender para o lado humorístico, enquanto outros expressaram abertamente seu intuito de atacar ou responder a acusações.

O *Diógenes* era uma publicação anual de quatro páginas, que se apresentava como um “jornal crítico, religioso e carnavalesco”, tendo por redatores “eu, tu e ele” e custando sua assinatura “um sorriso”. Como se

---

como disputa privada. (...) A pasquinagem possui uma especificidade enquanto modalidade discursiva da imprensa. Por outro lado, corresponde na produção social de sentido da época à desfiguração pejorativa de um tipo de imprensa contestatória do sistema político-moral estabelecido”. RÜDIGER, 1985. p. 135.

<sup>21</sup> De acordo com Nelson Werneck Sodré, “a exaltação do ambiente permite mesmo o extemporâneo reaparecimento do pasquim”. Para o autor, era, no entanto, um “fenômeno isolado”, tratando-se de “casos esporádicos, aliás da pior espécie”, com o predomínio da “virulência pessoal, detalhada e particularíssima”. SODRÉ, 1966. p. 265.

pode observar pelo próprio cabeçalho, tratava-se de uma folha recreativa caracterizada pelo humor e publicada apenas durante o carnaval.

Tendo em vista essa tendência, a folha anual ironizava a seriedade de outros periódicos. Nessa linha, na edição de 17 de fevereiro de 1885, apresentava como intento não medir “esforços em prol da prosperidade moral, material, religiosa e política desta terra grandemente ilustrada e comercial”, assim como afirmava pretender concentrar toda a sua dedicação “na realização dos grandes cometimentos que fariam a felicidade rio-grandense”.

Na mesma edição, destacava alguns dos problemas da cidade do Rio Grande, parodiando uma análise séria dos problemas municipais, através de um tom chistoso, ao apontar questões efetivamente graves mescladas com temas sem maior relevância:

Temos, nos redatores do *Diógenes*, nítida e perfeita compreensão dos altos problemas que preocupam os espíritos modernos. Temos estudado com rara aplicação os fenômenos que dizem respeito ao bicho da seda. Temos nos interessado vivamente com a questão do elemento servil. Temos prestado toda a atenção à agricultura, especialmente no plantio da batata. (...)

[Esse jornal] felicita-se por haver concorrido intelectualmente para que hoje goze-se da estrada de ferro, com todos os descarrilamentos; da linha de bondes pelo “insignificante” preço de 200 réis por cabeça (...); de uma estação de banhos nas praias do mar que se acha em “via” de realização;

da abertura da barra que continua refratária a todos os melhoramentos.

Um sorriso

DIOGENES

Annual

JORNAL CRITICO, RELIGIOSO E CARNAVALESCO

Redactores: Eu, Tu e Elle

Os *Diogenicos* esquecem-se da falta de patria, para em gargalhadas de

Desse modo, criticava as autoridades públicas locais e provinciais pelas falhas nos serviços urbanos e falta de melhoramentos na cidade, crítica feita de maneira divertida, de acordo com a propensão dos espíritos no período de carnaval. Assim, por seis carnavais<sup>22</sup>, o *Diógenes* levou sua mensagem engraçada e crítica aos foliões e, persistindo nos seus pronunciamentos carregados de ironia, considerava-se, de forma nada modesta, como “um dos mais importantes e considerados órgãos da imprensa local”.

Já ao final do século XIX, ainda surgiriam, na cidade do Rio Grande, alguns pasquins tardios, que eram verdadeiros folhetos. Um deles foi *A Férula* que circulou em 1897, com quatro páginas vendidas a 1\$000 réis, que registrava ser “propriedade de uma associação”. Dedicava algum espaço para amenidades como “Literatura francesa”, “Ela e o poeta” e “Porta-joias”, composta de poemas. O título do jornal derivava-se da palavra “férula”, ou seja, palmatória de aula.

É como “palmatória” que a folha traduziria seu principal intento, atacar um outro pasquim rio-grandino seu contemporâneo – *O Estado*. Segundo *A Férula*, o outro jornal lhe teria agredido, diante do que se propunha “rebater as ofensas”, comparando ambos os periódicos:

*A Férula* que tem tipografia própria; que está a cargo de pessoas capazes e conceituadas, que

---

<sup>22</sup> De acordo com Abeillard Barreto o *Diógenes* foi publicado entre os anos de 1880 e 1885. BARRETO, 1935. p. 5. O único exemplar encontrado data de 17 de fevereiro de 1885.

tudo empenham para sua prosperidade, não aparecia por falta de verba?

Que devemos então dizer do “Estado”, deste periódico abjeto, que só tem angariado antipatias, que não tem número capaz de assinantes, que não encontra tipografia que o queira imprimir, atento o mau conceito que gozam seus proprietários.

Que devemos então dizer do “Estado”, que nunca mereceu a honra de ser contemplado como órgão da imprensa, que não representa coisa alguma na sociedade, que é movido pelo despeito, que edita infâmias e calúnias. (5 dez. 1897)

Em contrapartida às acusações feitas ao oponente, *A Férula* considerava-se como uma “folha que se impunha pelo critério” e que “não pedia favores que a rebaixassem ou desacreditassem”, enquanto a folha adversária seria um “órgão de despeitados, trêfegos e mazorqueiros”. Encerrava com ainda maior violência, relacionando a qualidade editorial de *O Estado*, com o lixo de *A Férula*:

Quando não tiverdes matéria para editar em vosso jornal, senhores do “Estado”, vinde ao nosso escritório, onde encontrareis na cesta dos papéis inúteis, originais que vos podem servir, mas não editeis calúnias (...).

A vergonha não se compra na botica, senhores do “Estado”.



# A FERULA

Escreptorio a rua  
Benjamin Constant  
n. 60

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

RIO GRANDE 5 DE DEZEMBRO DE 1897

Assinatura  
Por mez 1:000  
Pag. adiantado

N. 24

## A «Ferula»

Lendo o «Estado», em seu numero de domingo, encontramos na secção «Echos», uma al referente ao nosso jornal, que por julgamos offensiva, vamos rebater.

Disse o Sr. «Sordul», que julgamos ser o Sr. Raymundo Sordul, que a «Ferula» não se publica por falta de «verba».

Por falta de verba ? !...

E' irrisorio, senão ridicula esta asserção ?

A «Ferula», que tem typographia propria ; que está a cargo de pessoas capazes e conceituadas, que tudo empieham para sua prosperidade, não apparecia por falta de verba ? !

Que devemos, então, dizer

o «Estado», deste periodico

objecto, que só tem angariado

antipathias ; que não tem

numero capaz de assignantes,

que não encontra typographia

se o queira imprimir, attento

mau conceito que gozam os

seus proprietarios ?

Que devemos, então, dizer

o «Estado», que nunca me-

receu a honra de ser contem-

plado como organ da impren-

sa, que não representa cousa

alguma na sociedade ; que é

ovido pelo despeito ; que edi-

ta infamias e calumnias, como

que publicou sobre o nosso

jornal, e a guerra injusta e

indigna, que move contra o distincto club de Regatas, insultando cobardemente um dos seus mais conspicios membros como Oscar Centeno, somente por que não foi convidado para assistir as regatas effectuadas a 15 do passado ?

A «Ferula», senhores do «Estado», occupa na imprensa, o lugar de um periodico serio, digno de consideração e sympathias, lugar que o «Estado», organ de despeitados, de espiritos trefegos e mashorqueros, jamais occupará.

A «Ferula» não tem falta de verba ; tem numero superior a duzentos assignantes, e não pede favores que rebatizam e desacreditam, á ninguém, tem este justo orgulho, que o «Estado» não pode ter.

A «Ferula» impõe-se por seu criterio, enquanto que o «Estado», só adquire inimizades e descredito.

Quando não tiverdes materia para editar em vosso jornal, senhores do «Estado», vinde ao nosso escriptorio, onde encontrareis na cesta dos papeis inuteis, originaes que vos podem servir, mas não editeis calumnias, porque hão de cahir como a que vimos refutando.

A vergonha não se compra na botica, senhores do «Estado»...

Phelbo de Aguiar.

## A minha eleita

Creio, religiosamente em teu olhar promettedor, chelo de vida e cheio de doçura...

Sim, creio na vida e creio na morte, crendo em teus olhos.

Elles são para mim o Tribunal Supremo que num rapido instante pôde fulminar-me, com sentença a mais dolorosa, ou com perdão o mais benigno.

Elles, despotas modernos tem o dom de tirar ou de poupar a vida...

E se não fôra elles o que seria a luz, a luz doce e clara da esperança. Ella que até então não sentira essa sensação divina emanada da luz de teus olhos glaucos e que vem do coração ? !...

Oh Deus ! permite que essa luz brilhante e consoladora, que mostra-me no naufragio da vida o porto de salvação, nunca affaste de min'alma a projecção de seus divinos raios !...

Rio Grande.

Demo.

## Correspondencia

Am. redactor

Agradeço vossa benevola attenção recebendo minhas despretenciosas correspondencias,

Desse modo, *A Férula* identificava-se com o gênero pasquim ao atacar frontalmente um outro periódico, naquele sistema de ofensas e respostas que, já há muito vinha servindo para o surgimento de um sem número de pequenas e pouco duráveis folhas<sup>23</sup>.

O desafeto de *A Férula* era, então, *O Estado*, uma publicação semanal de quatro páginas ao custo de 1\$000 ao mês, tendo João de Freitas como diretor e redator<sup>24</sup>. Tinha seções de diversão, o “Torneio charadístico” e literárias como “Paisagem”, “O beijo e a mulher”, “Crônica semanal” e “Folhetim”,

Na edição de 25 de setembro de 1898, arvorando-se em defensor da “União Operária”, criticou fortemente o Intendente Municipal Manuel Inácio de Lacerda

---

<sup>23</sup> Não há referências quanto à existência de *A Férula* além de 1897. O único exemplar encontrado foi o de 5 de dezembro de 1897, número este citado em SPALDING, Walter. *Exposição de Centenário Farroupilha: a imprensa e o livro no pavilhão cultural (1835-1935)*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1995. p. 98.

<sup>24</sup> O rio-grandino João Crisóstomo de Freitas (1880-1950), contava apenas com 17 anos quando publicou *O Estado*, sendo a sua primeira experiência como jornalista, trabalhando, mais tarde, no *Eco do Sul* (Rio Grande), *O Libertador* (Pelotas) e *Jornal da Manhã* (Porto Alegre), foi também advogado, professor, contista, filólogo e teatrólogo. Dados obtidos a partir de: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; IEL, 1978. p. 232.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974. p. 203-204. As referências existentes sobre *O Estado* são o exemplar de 25 de setembro de 1898, número citado em SPALDING, 1935. p. 98.; e as acusações feitas por *A Férula*, no ano anterior o que indica que *O Estado* circulou em 1897 e em 1898. A falta de exemplares de 1897, não permite acompanhar as discussões entre esses dois jornais.

Werneck, que ocupou esse cargo entre 1896 e 1899, tendo em vista que esta autoridade recusara-se a receber um comunicado daquela sociedade. Para o jornal, a atitude do intendente era “uma prova de descortesia” e “uma afronta ao povo”.

Atacando o intendente, *O Estado* afirmava que isso só ocorrera porque a “União Operária” era “composta de homens que não possuíam pergaminhos e não envergavam casacas, mas que possuíam a ferramenta do trabalho honrado e envergavam a blusa do operário”.

Acusava, assim, aquela autoridade municipal de discriminação social e de má administração, e argumentava que pelo menos restava a confiança e a esperança no futuro, através da “União Operária”:

Resta-nos somente uma consolação, é que, apesar da descortesia do Sr. Dr. Intendente, apesar de sua desastrada administração, surge serena e altiva a simpática sociedade “União Operária”, a quem esta entregue o futuro de nossa terra.

<h1 style="margin: 0;">O ESTADO</h1> <p style="margin: 0;">Publicação semanal</p>			
<p>ESCRITORIO E OFFINAS 124 Rua B. Constant 124</p>	<p>DIRECÇÃO E REDACÇÃO DE JOÃO C. DE FREITAS</p>	<p>ASSIGNATURA Mez . . . . . 18000</p>	
<p>ANNO II      RIO GRANDE DO SUL.—DOMINGO, 25 DE SETEMBRO DE 1898      NUMERO XIV</p>			
<h2 style="margin: 0;">Grosseria</h2> <p>Acaba o Sr. Dr. Intendente de devolver a «União Operaria», o officio que esta lhe dirigio, communicando a moção votada no «meeting» realizado no domingo 14.</p> <p>E' uma prova de descortezia aquella sociedade e uma afronta ao povo rio-grandense, que o Sr. Werneck acaba de praticar.</p> <p>A «União Operaria», que é composta de homens que não possuem pergaminhos e que não envergam cazacas, mas que possuem a ferramenta do trabalho honrado e envergam blusa do operario, teve outro modo de proceder, mais ousado, que o Sr. Dr. Intendente, merecendo assim o nosso e o publico applauso.</p> <p>Em vez da explosão de raiva que devia reboar por causa da incivildade do Sr. Werneck, em vez da rezealha, pelo lado do mat, a ponta afiada pelo Sr. Dr. Intendente, surgiu d'aquelles irados operarios o officio de se segue, cujas palavras são tão mais esmagadoras do que o modo incorrecto porque pedeo o Sr. Dr. Werneck.</p> <p>Rio Grande 15 de Setembro de 1898.—Cidadão Dr. Macagnacio de Lacerda Werneck.—A esta sociedade foi entregue o officio no qual teve a honra de transmittir-vos a moção votada por aclamação no</p>	<p>cominício popular realizado no dia 14 do corrente.</p> <p>«Constando o conteúdo d'esto officio do expediente da Intendencia Municipal e tendo sido por vós transmittido ao cidadão presidente do Estado, houve certamente equivoço porque não à sociedade «União Operaria», mas ao arquivo da Intendencia tal o Reio devia ser remettido.</p> <p>«Isto é tanto mais certo quanto é verdadeiro que o rompimento do involucro prova evidentemente que entraste no conhecimento do officio que n'elle se continha.</p> <p>«Fica assim rectificado o engano, atiaz desculpavel e devido ás vossas constantes preocupações em bem servir a causa publica.</p> <p>«Saude e fraternidade.—O presidente, Antenor Ignacio da Silva.—O secretario, Lufrelio Lopes.»</p> <p>Resta-nos somente uma consolação, é que apesar da descortezia do Sr. Dr. Intendente, apesar da sua desastrada administração, surge serena e activa a sympathica sociedade «União Operaria», a quem está entregue o futuro de nossa terra.</p> <h3 style="text-align: center; margin: 10px 0;">PREVENÇÃO</h3> <p>Prevenimos aos nossos favorecedores que entregamos a cobrança de nossas contas ao Sr. Andre Perret.</p>	<h2 style="margin: 0;">Paysagem</h2> <p style="text-align: center;">A QUE ME AMA</p> <p>A tarde estava lindissima.</p> <p>O Sol pulverizava de ouro os jardins floridos, que a essa hora emanavam perfumes embriagadores.</p> <p>As rozeiras floridas, os canteiros repletos de violetas, os jasmineiros embranquecidos de florzinhas, tudo, enfim, eram delicias.</p> <p>Os passarinhos largavam seus vãos subtile de ramo em ramo, fazendo cair aqui e ali alguma folha amarellecida pelas brigas que passavam.</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p>No entanto, ante tão bella paisagem, ante tanta flor, tanta boniteza, m'n' alma chorava em segredo. E' que a flor minha predilecta, não estava ali n'aquelle jardim.</p> <p>Ella bem distante, talvez, esteja sentida o que sinto, pensando o que penso, e regando, como rego as flores do jardim com as lagrimas da saudade.</p> <p style="text-align: center;">MACEDO D'AGUIAR.</p> <p>Rio Grande, setembro, 98.</p> <h3 style="text-align: center; margin: 10px 0;">ANNIVERSARIO</h3> <p>Completo, a 22 do corrente, mais anno de idade o nosso amigo Sr. Miguel Diogo da Silva.</p> <p>Mil felicidades.</p>	<h2 style="margin: 0;">Em vão...</h2> <p>Eu bem me lembro ainda... Estavas seductora e como sempre, corada como uma rosa; quando fallaste-me pareceu-me estar ouvindo um anjo, um anjo do céu.</p> <p>Mas foi em sonhos tudo o que vi os quaes dissiparam-se logo ao primeiro canto do gallo, assim como a gota do orvalho evapora-se quando é alcançada pelo primeiro ralo de Sol.</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p>Hoje estamos separados, bem separados, por este gigante abysmo—o mar!</p> <p>Quantas vezes, minha bella, eu não tendo ido à beira d'elle com esperança de verte... Quantas lagrimas não se tem deslizado pelas miúdas faces palidas e rolando no seio das agulhas.</p> <p>Em vão invoco o teu doce nome, em vão procuro verte: só ouço o murmúrio das agulhas à baterem nos escarpados rochedos, só vejo o mar, o infinito.</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p>Que doce sonho aquelle em que pareceu-me estar ouvindo um anjo, um anjo do céu! Que amargura, que tristeza, quando elle dissipou-se logo ao primeiro cantido do gallo, assim como a gota de orvalho é secca pelo primeiro ralo de Sol.</p>

Esse tipo de abordagem empregada nesse número, atacando as atitudes de uma autoridade local, e as supostas querelas com *A Férula* caracterizaram *O Estado* como mais um dos tardios pasquins rio-grandinos.

Já em 1900, circulava um outro pasquim no Rio Grande, era *O Fanal*<sup>25</sup>. Tratava-se de um semanário de quatro páginas, impressas em tipografia própria, ao preço de 1\$000 mensais. Apresentava-se como sendo “propriedade de uma associação”. Ao que indicava seu título (farol, facho, guia, norte), o pequeno jornal pretendia marcar sua presença “iluminando” a comunidade rio-grandina.

Na edição de 25 de fevereiro apresentava o artigo “Na redação”, no qual descrevia o dia a dia de um redator e as incomodativas visitas que o mesmo recebia de parte de indivíduos “vaidosos”, acusando, assim a hipocrisia que, segundo ele, reinava na sociedade. Para isso, criava uma narrativa ambientada na redação de um jornal, onde o redator tinha de atender seus visitantes, desenvolvendo uma série de diálogos. Em todas as conversas, as solicitações feitas ao redator eram encaradas como normais, refletindo a ironia que marcava todo o texto. No primeiro caso, o “noticiarista” recebia a visita de um indivíduo que pretendia a divulgação do aniversário da filha, ao que resultava:

---

<sup>25</sup> A única referência a *O Fanal* é o exemplar remanescente, com data de 25 de fevereiro de 1900, como este tinha o número 8 e, levando em conta que a folha conseguiu manter a periodicidade semanal, pode-se supor que o mesmo fora criado ainda no início daquele ano.

E, no dia seguinte, o leitor há de ler com toda a certeza: “Completo mais um botão de rosa no odoríssimo jardim de sua preciosíssima saúde, a inteligentíssima e formosíssima jovem..., dileta filha do ilustre..., honradíssimo comerciante em nossa praça”.

Ficava evidenciado todo o sarcasmo colocado no exagerado emprego dos superlativos. O outro diálogo era travado entre o redator e um cidadão que pretendia realizar uma doação a um asilo, mas fazia “questão” que a mesma fosse intermediada pelo “noticiarista”, ao que acabaria sendo publicado:

O senhor..., pelo nobre sentimento de caridade, que é seu característico, enviou-nos a importância de 5\$000 para o asilo de..., comemorando, assim, o segundo aniversário de sua sempre chorada consorte.

Finalmente, o terceiro visitante que, de partida, só veio para “se despedir”, fazendo com que:

Daí a pouco o prelo está gemendo: “Com destino à..., a bordo do paquete..., parte hoje o ilustre senhor..., a quem agradecemos a visita que nos veio fazer”.

Desse modo, o periódico demonstrava uma das feições da imprensa de então, ao censurar os próprios jornais que divulgavam eventos ou feitos pessoais, que só tinham interesse particular, não merecendo a elevação à categoria de notícia. Além disso, fazia uma crítica social mordaz, chamando atenção para “o dia divertido”

de um redator, assediado pelos “ratos de redação”, lugar para onde se dirigiam “não só os homens vaidosos, como também a sociedade hipócrita”.

O *Fanal* criticava também as autoridades locais, em outra matéria na qual construía uma conversa entre o “repórter”, representando o jornal e o “Zé”, simbolizando o povo. Diante das perguntas do primeiro, o “Zé” entabulava respostas como:

Fique sabendo que eu gosto de ser mandado por homens que saibam conduzir por bons mares o município, onde eu moro e pago direitos. (...)

O que a Intendência está demorando é com o matadouro..., aquilo é terrível (...).

A seca está com o diabo... Estou com medo de ficar seco como o charque... E a senhora Hidráulica (...) é outra que eu aguento nos meus já carregados ombros! (...)

Ah! Por falar em mercado, porque será que a Intendência não manda comprar aquilo? (...)

Ah! Sim, quer celebrar o Rio Grande com as ruínas.

Assim, o jornal não só criticava a Intendência Municipal, como se julgava um representante do povo, à medida que assumia e divulgava os interesses da população. Porém, nem mesmo com os seus leitores, o periódico procurava amenizar suas posturas e, como típico pasquim, inclusive nos avisos de cobrança ao público, as palavras eram de um teor notadamente agressivo:

Todos devem ter ciência da dificuldade com que lutamos para sustentar um periódico destes

(...). Rogamos, portanto, aos nossos favorecedores remissos o obséquio de pagarem... suas assinaturas.

Isto não é coisa que se fique devendo.

Quem não pode, larga!

Nos primórdios do século XX, os pasquins ainda se fizeram representar junto à imprensa rio-grandina. Um deles foi *O Farófia*, cujo próprio título revelava sua intenção de cometer jactâncias, bazófias ou fanfarronices, bem como referir-se a coisas sem importância e insignificantes. Afirmava ser o “órgão dos interesses da patuleia”, tendo por lema o ditado popular “dente por dente, olho por olho”. Tinha quatro páginas e seu cabeçalho não trazia as informações convencionais, não identificando seus responsáveis ou a sua precisa data de publicação, só havendo, no interior da folha, uma referência ao ano de 1902. Foi publicado no Cassino, localidade balneária da cidade do Rio Grande.

Essa publicação dedicou-se a atacar o Intendente Municipal Conrado Miller de Campos, que administrou a cidade entre julho de 1900 e julho de 1902, a quem a folha atribuía o apelido o qual lhe servia como título – *O Farófia*. Aproveitando a ocasião da visita dessa autoridade municipal ao Cassino, o pasquim declarava:

Ora o “Farófia” não podia entrar aqui com pezinhos de lã, disfarçado, como entrou lá no Rio Grande, que é hoje um prolongamento do Reino de Satanás. Nós não o queremos ver na obscuridade de um gato pingado. Tributamos-lhe, portanto, esta homenagem, que será a derradeira, porque o oceano, cioso como é, vai nos roubar tão precioso “Farófia”. Esta



homenagem, porém, há de sobreviver para a glória de seu comprido vulto, prestes a ser engolido pelo mar, que ali está bocejando, à espera da deliciosa presa.

Além de acusar o administrador de incapaz para os cargos que ocupava, a folha afirmava que o mesmo não era fiel à doutrina positivista que defendia, e sim aos seus interesses financeiros:

Não vos odiamos, desprezamo-vos, porque de todos os sentimentos humanos, possuis um só, o pior, o mais detestável, o mais infame, o desejo do mal, o instinto do ódio, a vertigem do anarquizado. Não tendes juízo, sois um imbecil, a quem, não vos conhecendo, conferiram a chefatura do partido, fizeram de vós Intendente e vos apresentaram com um tabelionato. O vosso positivismo tudo aceita, porque entre o soldo de tenente e os proventos daqueles cargos, assenta a vossa sábia doutrina, não de “Comte”, mas de “contrato à vista”.

Dente por dente

## O FAROFIA

Olho por olho

ÓRGÃO DOS INTERESSES DA PATULHEIA

Direcção de KEROSENE, CACA &amp; Comp.

Núm. 1

Cassino, 22 de Barão do Macaco de 69 (Era lá dellas)

Anno I

## ARTIGO DE MUITO FUNDO

A vida do latido do Farolia para estas avaras plagas da «Vila Si-queria» é um acontecimento que põe toda a gente em um religioso dos diabos.

Não pôde, pois a gente Casierense ficar trista e quem ao ver estas hevenças avariadas as por intenções do Farolia de virilha.

O homem se agita e a humanidade de o ceder, isto quer dizer, em lingua de leão, que a gente não deve ser mole nem nada quando tem para si um uso e gozo em Farolia de comprimento deste que nos dá o linho, que é muito bom para, tanto que se correagor, acuradamente com o can, inspirador do poe e da mite lica lica e de todos os monopólios.

O nero Farolia é, em tudo, mais do que os outros mortaes. Élio é alto de mais, magro de mais, tónico de mais e esparto de mais.

É a gente d'elle! Que estipulação, que mirabolância!

O Kerosene dá a toma.

O Herman cogou uma kerosene mirandinha, assim como quem vai para comer pitangas.

O Caca... caca, craca, canhoto, quem não toca nelle é este seu criado.

O Molin da Leopoldina é uma lata de kerosene inflamando ambulantes onde passa prende fogo. E pensa que elle é muito grande! Põe o um simples railto.

Os outros, o Souza, o Trajano, o João de bandido, o Dax, o velho Pereira, a torbunda alma d'amma da diti de Santa Clara, todos enez, bem juntinhos, vieram servindo de baldeiros do Farolia, quando o Tirabuz, um ingratto, o expulsoi lá das profundezas do inferno.

Ora, o Farolia não podia calhar aqui sem pechins de lá, d'afarado, como entrou lá no Rio Grande que é hoje um prolongamento do Rio de Salinas.

Mas não o queremos ver na circundância de um gato pigado. Trebalta-lho, portanto, esta homenagem que será a derradeira, porque o cossao, cossao como é, vai nos roubar tão precioso Farolia.

Fata homenagem, porém, ha de sobreviver para gloria do seu comércio nullo, proutre a ser encolado pelo mar, que ali está bojeando, á espera da deliciação por.

Farolia! Farolia, adeus, Regimear um poço profundum oceanum riuu.

Kerosene de C.



## A CIVICA E OS BROTOS

Como cossato os seus partidos, as suas ardorosas agremiações, as suas pujantes associações, finalmente esta patria, sem consciencia do que quer vale e do que representa, exclama:

Ólido o poder, mas a tua validade ambicionava, e a que a tua ignorancia te impellia, appareta uma vancura, atráide-te de segundas e constituite a tal cousa — Partido Civico — que, embora pequeno em numero, era nobilitado pelas principais flores que os charcos produzira da noite para o dia. Esse elemento pernicioso a legião, sem rumo, sem orientação, por ali vegetou, sem importancia, alimentado pelas cores do municipio e, pela propria validade e suppo-

sição de grandes senhores, possenhido pelas ruas e grevas da cidade á moda de Salinas.

Desse proprio grupo nasceu d'abito de vossa frouda inspiração, a tal outra cousa — Grupo Daicho, — que por algum tempo se alimentou de asneira com outro, com que alguns incautos foram calhando, na esperança de que empurra mais rochas, e os seus seletos dados por via, ainda á custa dento infelizes municipios, nas vossas garras.

Esse grupo, que já representava o partido civico e já agitava-se — Daicho — achando penoma a área para ser vitoriosos ideos, recolheu silabicamente as ás de vossos aniversario natalicio, depois da rentia que lhe confidencia, constituir um partido forte, de solta e vira, dento partidos que pareciam inteiros, poros sangue, cietos de vicia strada, capa-

zes de fazer rolar a bola as pagas das aguas servidas. finalmente, um partido de ferro batido que denominaram — Intransigente.

O nome, de por lá, foi arrepiar os nomes acrossos em rapazão. Que heros! Que hercores! Que notorios! Que doutos!

Salve-se quem puder, que elles shi vem.

Pobre farolândia!

Affonde vos levara o vossos chefe com a sua laminação!

«Cabeça de porco»

Cabeça e força o diabo!

Só por ditta tem cabido

Por dentro não tem miolão

Se tem grillo, miolado, mara-

quinhos, baratas e lagartixas.

Arre! É um vicioso divio de fami-

liaridade aliova.

Recebevia a criação do tal Club

Intransigente, nem pela sua moca-

lidade, o seu passo mais brillante,

e primeiro e mais finalivo, foi de

esperar um longocinco, suppetu-

rio para Porto Alegre, aliado por

dois farolândia, representando em

primeiro grau de degeneração a

vicia.

Estes partidos, estas associa-

ções não são paulatinamente co-

metendo-se nos outros, e de volta-

rem as segundas, onde o Farolia com

bruto cotto os orgãos.

Contidinhos dos farolândia, filios

de uma utilidade pretenciosa, doida

de uma vanidade cerebral e de um

entramento intelectual.

Povo, deixa, deixar os intransi-

gentes, farolândia e elles vivem com

uma tão longa que da vontade á

gênia de se consumir.

Contidinhos, do grupo e ja tão in-

transigentes!...

Apto Estipulo.

## AS CINCO CH'GAS

Reli as tuas cinco — Breves respo-

tas — e cada vez menos as entendi.

Porque não te calaste, Idiota?

Talvez alguém por ingenuo te con-

quisisse por dito Xexex.

Vem cá, calhadas!

Aquillo são scriptos á luctua das

conhecções que te foram dadas?

São tres vergonha em asgurar teu

lavarado nullo por estigao naquellas

cinco chagas de tua validade?

Mas, como te apresentas, chaga,

como uma folha de papel piquete!

Penitramento, ó a minha verga-

ha e convém-te agora de que não

há treito que te obrigue a cearhar,

tomaste e nullo os dentes o lá, se-

guem em vertiginosa carreira de in-

contro no seu dente.

Para, infeliz!

Não lavras lá tua vida em es-

lante que quierá segurar outro os-

culante pelas regras?

Protrah-te e, apparecendo, dá-lhe

de premio o que Luis gambou na

horra.

Rangui.

Desse modo, *O Farófia* utilizava a totalidade de suas páginas para estabelecer críticas ferrenhas ao Intendente, com a utilização de expressões agressivas como “desaforos”, “ofensas”, “insultos”, “pedradas”, “coices”, “bestialidades”, “tinhoso” e “idiotismo”, lembrando a mais tradicional prática dos pasquins, o ataque pessoal. O mais provável é que este folheto não tenha passado dessa única edição de 1902.

Outro pasquim do início do século XX foi *O Bilontra*, que circulou nos primeiros meses de 1902. Apresentava-se como um “semanário literário e humorístico”, cujas quatro páginas custavam 1\$000 mensais. Não declarava o nome de seus responsáveis, afirmando, de modo jocoso, ser propriedade de “D.C. Dido & Comp.”. Seu título era uma alusão às ações cometidas por pilantras, velhacos e espertalhões.

N. 4

Brasil — Rio Grande — Domingo, 25 de Maio de 1902

Ano I

Assinatura  
Moz. . . . . 15000  
Cinco annos

Propriedade de  
D. C. Dido & Comp.

Escritório  
60 Rua Andradá n. 60

# O BILONTRA

LITTERARIO E HUMORISTICO

## A MULHER DO AMIGO

(TRANSCRIÇÃO)

— José Borromeu fez affixar em todas as paredes do fidejo o seguinte e chamame-jam cartaz:

«Precisa-se de uma mu-lher consideravelmente feia. E' escusado apresentar-se quem não estiver positivamente nos casos.

Dirigir-se a José Brrrommeu, pintor, rua da Emenda, 358.»

Borromeu esperou dois dias, uma mulher se apresentou.

— Como em seu estúpido! exclamou elle batendo na testa.

E continuando a desparar uma mulher consideravelmente feia, para pintar a cabeça de não sei que sogra num quadro que trazia entre as mãos, mandou affixar novos cartazes, modificados todavia da seguinte forma.

«Precisa-se de uma mu-lher consideravelmente for-mosa. E' escusado apresen-tar-se quem não estiver po-sitivamente nos casos.

Dirigir-se, etc., etc.»

Vinte e quatro horas depois, estava interrompida o transito nas proximidades da rua da Emenda, em consequencia da aglomeração de damas que se dirigiam á casa de José Brrrommeu.

Foi no meio d'essa multidão que o pintor encontrou o mo-dolo dos seus sonhos.

Uma mulher ideal, com uma elegancia de porta-machado e uma cabeça plantasiasticamente caravascava, cujo aspecto seria capaz de fazer abortar uma macaca.

Signaes característicos

Olhos expressivos, de phoca zarolha.

Nariz atomstado e repolhu-do, descaçando magestosa-

mente sobre uma bigodeir-ra.

Queixar apresentando o ha-pecto de uma maço roibela cheia de bolor.

E, finalmente, no uicio de tudo isto, uma bocca inenar-ravel, protesa, senelhante a uma fenda extravagante pro-duzida n'aquella paisagem des-vastada por algum reculete tremor de terra.

A dona d'estos predilectos dava pelo nome de Estella.

Foi essa mulher que, tres mezes d'pois, tornou José Brrrommeu o mais feliz dos mo-rtaes.

Ris de que maneira:

O pintor estava loucamente apaixonado pela mulher do seu melhor amigo, o coronel Sa-rapião, — uma mulher deliciosa e appetivel no ultimo grau, por muitas razões:

1º Porque era mãe de uma criança encantadora,

2º porque era virtuosissima;

3º porque era muher de um amigo que a idolatrava e que, certamente, perderia a cabeça se soubesse que sua mulher o enganava.

4º finalmente, era appeti-vel, pelo facto de ser um mon-struoso crime appetecel-a.

Mas, subitamente, Estella começou a fazer umas caretas tão comicas, que Borromeu sentiu-se commovido até as lagrimas.

— Querias alguma coisa? perguntou-lhe ella com ardor.

Fallou.

Elle calou-se.

O pintor foi subli-ne.

Queres que faça o teu bas-cullos, que nem tu suspeltas..

— 11...

3º dia: — Uma mulher ho-nestissima, meu caro, que não tem nada que se lhe lance em rosto.

4º dia: — Como assim? re-cusas? Fizes mal. (Ao ouvido) Enão, não sabes que ella foi amante de quatorze cabeças coroadas?

— ???...

5º dia: — Por mais que me digas, vejo que não és datado do bom gosto... Mas, repara! ollha que ella tem a linha!..

Borromeu leatou ainda con-vencel-o.

Tudo, porém, foi inutil!

Apezar d'essa longa inoma-ção de qualidades e de titulos diversos, Victor consen-tiu-se de gôlo...

O pintor teve de confessar a Estella que as negociações ti-nham fallado completamente.

— Ah! ella é isto? trovejou Estella. Pois tu verás como el-las morrem.

E foi em busca d'um carro americano que passasse á por-ta da casa do coronel.

Borromeu, porém, lançou-se em perseguição de seu modelo e obteve uma suprema conces-são de mais oito dias. Armou-se do coragem e entrou em no-vas negociações com Victor. Empregou a astucia, a persua-são, a magia, o somnambolis-mo, a ventriloquia, a prestidi-gitação...

Nada.

Lançou-se aos pés de Victor. Ameaçou-o com seis tiros de revolver...

Sempre nada.

— Bem! suspirou Borromeu ao expirar o setimo dia.

E resignado, fechou-se no seu quarto, tomou os seus apontamentos e abriu o codiço para ver como devia redigir o testamento.

— Ah! gritou elle, com os

Também seguindo a linha dos ataques pessoais, dedicava a essa atividade cada uma de suas seções, como o “Cemitério do Bilontra”, que apresentava os seguintes versos como epitáfio a um indivíduo não identificado: “Aqui jaz um cafajeste/ Que de falar alemão/ Na cova teve, afinal/ Bem justa compensação”. Além disso, fazia pronunciamentos anticlericais e, de certo modo, refletia a visão que à época se tinha dos próprios pasquins:

... é o jornalzinho anônimo, espécie de pasquim que surge como cogumelo em tempo próprio e terreno adequado pelos adubos das esterqueiras, quase pornográficos. (...). A igreja enche a barriga dos padres, pela estupidez dos carolas, os tais anônimos enchem a bolsa (...) pelo entusiasmos das lorpas. Especulação em tudo, refinada hipocrisia de todos os lados desta vida, eminentemente prática. (25 maio 1902).

Com suas intenções de realizar bilontragens, utilizando uma linguagem agressiva e buscando uma comunicação direta com o público, *O Bilontra* foi um dos últimos pasquins tardios rio-grandinos<sup>26</sup>.

Finalmente, em 1904, circulava no Rio Grande *O Escapelo*, pasquim que, seguindo a já tradicional utilização de nomes de objetos cortantes, demonstrava no próprio título os seus objetivos. Jornal de quatro páginas, anunciando-se como “hebdomadário do povo e pelo povo”, tinha Benjamin Lacerda Nascimento como proprietário e diretor e era vendido a 1\$000 mensais.

---

<sup>26</sup> O único número encontrado desse jornal data de 25 de maio de 1902; exemplar referenciado em SPALDING, 1935. p. 96.

# O ESCALPELO

Propriedade e Direcção de BENJAMIN LACERDA DO NASCIMENTO

HEBDOMADARIO DO POVO E PELO POVO—REDACÇÃO: RUA MARECHAL FLORIANO N. 166

## EXPEDIENTE

As nossas assignaturas são mensaes e custam apenas 1\$000 adiantados.

As pessoas a quem enviarmos esta folha e não nos devolverem o presente N. consideramos assignantes.

A Direcção.

## FALLANDO AO PUBLICO

G ESCALPELO é o mesmo, a sua ausência da pelea onde se movimenta a imprensa sem ideal e taverneira d'esta terra, não o faz mudar de orientação, apenas abandona as questões pessoais, para, analisando os actos da vida publica se manifestar pro ou contra, sempre a bem da verdade e da moralidade infelizmente hoje tão prostituídas.

Era meu proposito dar por extincta a vida d'O Escalpe-lo, a sua vida porém é necessaria porque jornaes existem n'esta terra, que se intitulam imprensa livre, mas que nunca foram porque dependem d'esta ou d'aquella politica.

O mesmo porém, não acontecerá com o meu jornal, que para dizer a verdade dil-a-cha sem temer seja à Paulo ou a Sancho, uma vez que faça por merecer ouvil-a.

O ESCALPELO pois, não tem partido, o seu ideal é o bem do povo, a felicidade da Republica e o engrandecimento da Mãe-Patria.

Não sou um aventureiro que vem tentar fucturo por esse

meio, isto é, fazer escandalos para d'elles tirar recompensas, assistirem ao transcorrer do não: sou moço e como moço larozi da existencia, encerro é justo que aspire elevar-me a um pair, onde Germano Hasslocher e Alfredo Varela, são eleitos para representar o Estado.

A tal proeminencia não tenho a pretensão de chegar e nem desejo, o que eu aspiro, é manter o meu jornal e que elle seja o porta-voz dos oprimidos e o terror dos parasitas que vivem do suor do povo!

O publico pois, avaliando as minhas intenções, pôde se quizer amparar-se com a sua protecção, que eu como recompensa tudo farei por bem servir-o e patentear que o jornal livre e independente, é aquelle que vive a sombra de sua protecção.

O meu jornal, não tem, confesso, pennas diamantinas que abrilhantem as suas columnas com artigos bellos e pomposos, tem porem, o que necessita a um jornal independente e criterioso «A coragem de dizer a verdade!».

B. LACERDA.

## A fita azul

Quando se soffre na vida uma dissilusão profunda, preoccupa-nos sempre o desejo immenso de abandonar o mundo.

Uns, mais fracos e por isso mesmo mais violentos, arrojam-se desesperados ás garas da morte; outros dotados

de mais coragem e dispostos a, assistirem ao transcorrer do laroz da existencia, encerram-se resignados em algum recolhito da terra, longe de Hasslocher e Alfredo Varela, tudo e de todos, á espera tal-vez de encontrarem na solidão dos campos qualquer cousa de puro.

Eu pertenco ao numero desses que, effibora sintam e chorem, não se lançam precipitadamente ás profundidades do nada, na esperanza indilinda de mais depressa poderem sorrir nas regiões do Eterno...

E, to entanto, a illusão fugace que tanta vez me sorria arrancou-me os ultimos alentos de uma esperanza que me prendia á vida e desapareceu na immensidade de um horizonte em trevas, com a mesma indifferença com que se desprende dos labios de um moribundo o suspiro angustiado de um coração que morre...

Mas acalantava-me ainda o desejo de encontrar na terra alguma cousa de puro, para não alitar depois á vastidão do infinito uma alma crivada de dissiluições...

Abandonei as perfillias do mundo e penetrei tristemente nas paragens desertas de uma ilha, onde tudo era lugubre e medonho, embalado sempre pelo mesmo desejo de ali encontrar o que jámais tobrigará na humanidade inteira...

E ouvindo, attento e absorto, o plangente marulhar das aguas, que parecia o palpitante dolente de um coração que chora e o estremecer doloroso de uma alma que se contorce de saudade, assistia sereno ao

escolar monotono da vida, sem que mais me torturassem as recordações amarguradas do passado, em cujo seio repercutiram, sonoras e alacres, as manifestações mais espontaneas da maior alegria que senti bafejar-me.

Assemblei-me a um corpo inerte, prompto talvez para a decomposição...

Certo dia, porém, em que o sol trefugava em toda a plenitude do seu vigor, extremeci de espanto...

Aparechi, através do farfalhar das arvores e do entrecrocchar das ondas, em cujo ruído pareciam flutuar os cambiantes melódicos de uma alegria, o respirar offegante de um homem...

E, estupefacto, pallido de assombro, descobri, á sombra de um arvoredor, a debater-se em contorções pungentes, o corpo de um poeta que eu conhecía e que como eu procurára o deserto para chorar uma dissilusão...

Quando os estertores cessaram, quando desprendeu-se-lhe dos labios o derradeiro alento, pude vêr, entre as suas mãos crispadas, um fragmento de uma fita azul...

Era a recompensa que lhe dera a noiva: arrancara-lhe o coração, oferecendo-lhe em troca um pedaço da fita, que não mais serviria para prender-lhe os cabellos, fúlvos e bastos mas que o poeta guardára como reliquia santa, até que a morte dissipasse as meigas illusões que elle tanta vez cantára por entre as melodias fugaces da musica do verso...

H. VERNIER.

Essa folha prometia se manifestar “sempre a bem da verdade e da moralidade”, declarando que diria a verdade “sem temer” a ninguém, desde “que se fizesse por merecer ouvi-la”. Pretendia ser “o porta-voz dos oprimidos e o terror dos ‘parasitas’ que viviam do suor do povo” e o “jornal que só sabia fazer justiça e só se batia pela verdade”.

*O Escalpelo*, assim, buscava legitimar seus ataques em nome da defesa dos interesses do povo, consistindo-se no pasquim mais extemporâneo da cidade do Rio Grande<sup>27</sup>, considerando a passagem dos Oitocentos aos Novecentos. Dessa forma, esses folhetos que se manifestaram nas últimas décadas do século XIX e anos iniciais do XX demonstravam que, mesmo de forma tardia e esporádica, a pasquinagem não fora uma atividade abandonada junto à imprensa rio-grandina.

Assim, notadamente entre as décadas de 1840 e 1860 e já na virada do século XIX à centúria seguinte, a pasquinagem foi uma atividade típica junto à imprensa da cidade do Rio Grande dessa época, reproduzindo as páginas dessas folhas desde comezinhas disputas pessoais até questões mais amplas, envolvendo vários dos problemas que afetavam as populações de então. Como meio de comunicação, os pasquins significaram uma intrincada teia de informações fragmentadas que misturavam o público e o privado, o pessoal e o profissional, o debate panfletário e o bate-boca no campo político-partidário. A existência normalmente exígua dos pasquins, na maioria dos casos, era devida às suas

---

<sup>27</sup> O único exemplar encontrado do jornal foi o de 18 de agosto de 1904, sobre o qual há uma referência em: SPALDING. p. 98.

próprias características de polemizar, atacar ou dar uma resposta diante de determinadas circunstâncias muitas vezes passageiras. Além disso, em boa parte, foram publicações anônimas, prática ilegal à época, sendo previstas sanções à circulação desse tipo de jornal, a partir da legislação vigente. Nesse sentido, foi um próprio representante do gênero, *O Bilontra*, quem, resumidamente, conceituou a prática da pasquinagem: “é o jornalzinho anônimo, espécie de pasquim que surge como cogumelo em tempo próprio e terreno adequado pelos adubos das esterqueiras, quase pornográfico”.



## A presença da sátira em um jornal diário rio-grandino

A sátira constituiu uma das estratégias discursivas comumente utilizadas por segmentos da imprensa, no sentido de desqualificar, diminuir, menosprezar e deslegitimar um adversário em potencial. Tal prática não foi diferente em meio à imprensa rio-grandina, mormente em meio às publicações de natureza satírico-humorísticas. Mas até mesmo os jornais diários – ditos representantes da imprensa séria, com uma linguagem normalmente mais rebuscada e controlada, tendo em vista a manutenção de seus interesses comerciais – não resistiram em lançar mão dos efeitos da satirização, quando pretendiam ser mais enfáticos em suas manifestações.

O fundamento essencial da utilização do gênero satírico está ligado à intenção de “ridicularizar ou zombar dos vícios e das pessoas, ou despertar o riso”, podendo ainda, “revestir-se de intuitos moralizantes objetivos ou apenas caricaturescos”<sup>28</sup>. No que tange à utilização de poemas satíricos, a “composição poética” embasada na sátira é “quase sempre burlesca e desabusada, maliciosa, intencional sempre, tendo por escopo caricaturar e censurar defeitos, enganos e erros alheios”. A origem do termo está vinculada “ao espírito

---

<sup>28</sup> TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

que se atribui aos sátiros da mitologia grega, assinalados por sua irrequieta alegria e incontinência”<sup>29</sup>.

Na condição de “categoria narrativa”, a “sátira tem suas raízes no antigo teatro grego”, ou seja, “no ditirambo, cântico improvisado das primitivas procissões dionisiacas”, o qual “associa a comédia a figuras ridículas ora representadas por instituições corruptas, ora por pessoas notáveis e grosseiras”. Já no que se refere à sátira medieval, “vitalizam-se os menestréis, jograis, artistas errantes e vagabundos que cauterizam, com suas canções e suas críticas as feridas sociais”. Desse momento histórico em diante, “a sátira, como narrativa autônoma, irriga a prosa, a poesia e todas as manifestações do espírito humano”, direcionando-se mormente “contra fariseus, áulicos, vaidosos, desfrutáveis, pseudoeruditos, aristocratas, pretenciosos, pernósticos, venais e outros faunos”. No conteúdo satírico, “convivem o riso e a petulância, a zombaria e a chalaça, a maldição e a descompostura, a maledicência e o ridículo, a irreverência e o ataque”<sup>30</sup>.

Uma notória experiência no uso da sátira no seio da imprensa rio-grandina ocorreu por meio das páginas do *Eco do Sul*. Esse jornal passou a circular na cidade do Rio Grande em 1858 e, desde o início mostrou simpatias pela causa conservadora e chegou a ostentar por diversos anos em seu frontispício a natureza de folha partidária, avisando tratar-se de um “órgão do Partido Conservador”. De acordo com tal linha discursiva,

---

<sup>29</sup> CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 147.

<sup>30</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 337.

sustentava a causa conservadora e fazia oposição aos liberais, acompanhando as alternâncias político-partidárias da época monárquica. Com a mudança na forma de governo, o *Eco* aceitou a República como um fato consumado, mas, em seguida, passou a opor-se às atitudes dos governantes, notadamente em suas práticas autoritárias. A partir de então, o periódico rio-grandino aliou-se com os dissidentes republicanos, que faziam oposição ao castilhismo, modelo autoritário, personalista e concentrador de poderes, que dominou o Rio Grande do Sul por quase toda a República Velha. Mais tarde, iria abandonar a posição da dissidência e se vincularia ao Partido Federalista, maior partido de oposição ao situacionismo sul-rio-grandense.

Nessa linha, nos anos de 1890 e 1891, como jornal ligado aos dissidentes republicanos, o *Eco do Sul* sustentou em suas páginas um ardoroso discurso contra o castilhismo. Um dos jornalistas mais importantes à frente da redação do periódico nessa época foi João José Cezar (1849-1915). Ainda jovem, J. J. Cezar, como assinava o redator, começou a trabalhar no próprio *Eco*, como aprendiz nas oficinas. Também vinculado às lides de impressão, auxiliou na criação de um Grêmio Tipográfico na vizinha cidade de Pelotas. Mais tarde, mudou-se para Porto Alegre, vindo a trabalhar na tipografia do jornal castilhista *A Federação*. Nessa época teve um convívio com alguns dos principais líderes castilhistas, chegando a participar na redação do periódico. Com vinte e cinco anos de experiência, em 1886, deixou *A Federação*, sem romper com os sectários do castilhismo, vindo a abrir uma agência de anúncios e empreendimentos tipográficos e litográficos. Além disso, abriu o *Café High-life*, no centro de Porto Alegre. Nessa

época passou a publicar, também na capital gaúcha, o jornal *Folha da Tarde*, iniciando-se desde então um processo de acirramento e ruptura para com o castilhismo. Perante as pressões e perseguições por ele sofridas, J. J. Cezar decidiu retornar à cidade do Rio Grande, na qual assumiu a redação do *Eco do Sul*, periódico em que não perdeu oportunidade para fazer oposição e atacar Júlio de Castilhos e seus sectários. Em 1891, com a queda de Castilhos, assumiu o cargo de juiz distrital, tendo de deixar a redação do *Eco*, mas, com a volta do chefe republicano ao poder, não só perdeu o cargo, como houve um recrudescimento persecutório, o que o obrigou a retirar-se para o Rio de Janeiro, onde foi coproprietário e redator da *Crônica*. Uma vez pacificado o sul, voltou para seu Estado de nascimento, no qual ainda empreendeu algumas atividades jornalísticas.

Foi nos anos de 1890 e 1891, com J. J. Cezar à frente da redação do *Eco do Sul*, que foram publicados editoriais e artigos que fizeram veemente oposição ao castilhismo. Mas também nessa mesma época, Cezar se dispôs a escrever uma coluna contendo versos satíricos, a qual surgia como uma arma alternativa no combate aos castilhistas. Nesse sentido, o *Eco* juntava à sua posição de periódico diário, representante da imprensa denominada de séria, com “o uso das linguagens sérias, unívocas, os discursos consistentes e monolíticos”, uma outra formação discursiva, vinculada ao segmento não-editorial, e levando em conta “as equivocidades de todo o gênero, a piada, o trocadilho, o humor, a poesia” e inclusive “os discursos ambíguos e paradoxais”<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> EPSTEIN, Issac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 125.

Nessa linha, J. J. Cezar passou a redigir uma nova coluna que recebeu o título de “Historietas”, assim como ele assumiu o pseudônimo de Cantu-Mirim. Era uma alusão ao historiador italiano, Césare Cantu, autor conhecido pela extensa obra denominada *História Universal*, muito difundida pelo mundo naquela época. De acordo com tal perspectiva, se por um lado o Cantu italiano havia escrito uma enorme história, ele na qualidade de um Cantu “pequeno”, estaria apto para escrever uma de bem menor formato, ou seja, uma historieta. O próprio termo utilizado como título da seção carregava alguma ambiguidade, pois historieta pode se referir a uma narrativa de fato pouco importante, a uma novela, ou ainda a um conto ou uma anedota.

Dessa maneira, João José Cezar lançou mão de versos carregados de conteúdo satírico e, atrelado a ele, ficavam mescladas outras tendências como a anedótica, a irônica e a profundamente crítica. Nas “Historietas”, Cantu-Mirim atacou frontalmente seus adversários na esfera municipal, estadual e federal, promovendo um discurso alternativo para realizar o papel de oposicionista. Os ataques desses versos satíricos foram em diversas direções, envolvendo funcionários públicos, militares, dirigentes, agentes político-administrativos e até mesmo os colegas jornalistas. O alvo preferencial das “Historietas” foi sem dúvidas o governante gaúcho Júlio de Castilhos, na maior parte das vezes identificado como “o pato”, em referência a um apelido que recebera na adolescência e com o qual tinha dificuldades de conviver. Ao lado de tais enfoques, as “Historietas” também se posicionaram de encontro a várias atitudes

dos governantes na esfera federal, objeto de estudo deste trabalho.

Foram quatrocentas e treze as inserções da coluna “Historietas”, entre junho de 1890 e dezembro de 1891, sem deixar de lado o espírito crítico-satírico<sup>32</sup>. Em algumas delas, Cezar indicava suas intenções ao organizar aquelas matérias versejadas. A primeira delas refletia sobre a opção criativa poética que lhe inspirou:

Faço hoje a minha estreia  
na falta do Aguiar,  
e aos meus amáveis leitores  
tenho muito que contar.

Contarei todos os dias  
uma historietazinha,  
em versos, mas não capengas,  
em cadência afinadinha.

---

<sup>32</sup> O conteúdo integral das “Historietas” está transcrito em: ALVES, Francisco das Neves. *Sátiras políticas versejadas no Brasil Meridional: as origens das Historietas (1890)*. Lisboa; Rio Grande: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.; e ALVES, Francisco das Neves. *Historietas no sul do Brasil: poematos satíricos (1891)*. Lisboa; Rio Grande: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.

## PASQUINAGEM E SÁTIRA NA IMPRENSA RIO-GRANDINA

A rima hoje anda à toa,  
porque aí qualquer garoto  
faz versos sandaicos, crendo  
que poesia é arroto.

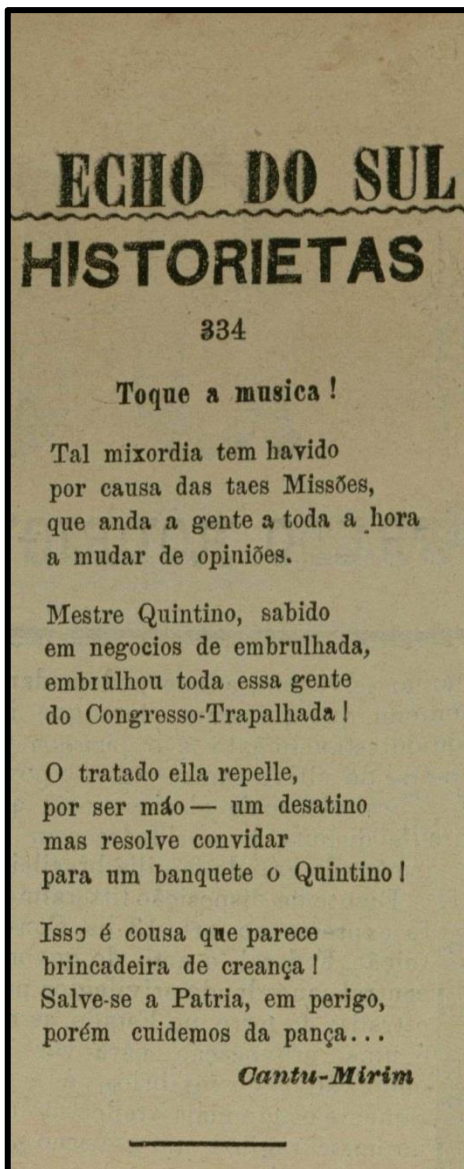
Prometo contar-vos tudo  
em quatro quadras por dia,  
marcando o compasso certo  
e respeitando a harmonia.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 27 jun. 1890, a. 37, n. 147, p. 2.







- Historieta número 334 (*Eco do Sul*, 11 ago. 1891) -

A chegada à vigésima-quinta edição das “*Historietas*”, serviu para que Cantu-Mirim intentasse demonstrar a eficácia da proposta, bem como insistia no sua meta de perseguir os traidores:

A vinte e quatro de julho  
celebro o meu quarteirão.  
Vinte e cinco vezes quatro,  
um centenário, mais não!

Multiplicando esses vinte,  
mais cinco, por dezesseis,  
produz quatrocentos versos,  
e isto em menos de um mês!

É de festa o dia de hoje,  
de festa, só de prazer!  
Em festa as *Historietas*,  
nada mais devo dizer.

Começarei amanhã  
A visita aos cemitérios  
da História, donde trarei  
repugnantes Silvérios.<sup>34</sup>

Outro momento em que J. J. Cezar destacou suas edificações poéticas, foi por motivo do quinquagésimo número da coluna, no qual persistia dizendo-se no combate aos traidores, mas enfatizava também que não esqueceria os adversários, pois permaneceria no combate à “panelinha do pato”, ou seja, os sectários de Júlio de Castilhos:

---

<sup>34</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 24 jul. 1890, a. 37, n. 170, p. 2.

Celebro hoje entre galas  
o meu meio centenário.  
Faço festa civilmente,  
sem presença do vigário.

Conto hoje nada menos  
de cinquenta *historietas*,  
zurzindo sempre sem dó  
da moral todos grilhetas.

E como em dia de festa  
devo esquecer os *silvérios*,  
adio para mais tarde  
uma história de mistérios...

*Chapeau bas*, vos cumprimento,  
leitor, a quem tanto acato.  
Descansa por hoje em paz  
a panelinha do *pato*.<sup>35</sup>

O centésimo número das “Historietas” foi apresentado como motivo de comemorações por parte de Cantu-Mirim, que pretendia figurativamente realizar um lauto banquete, honrando o “grande sucesso” da coluna, além de anunciar que o periódico estaria pronto a receber todos os leitores do *Eco do Sul* em seu escritório:

Na ponta, as *Historietas*  
festejam o seu centenário!  
Eu peço palmas e bravos,  
deste esplêndido cenário!

---

<sup>35</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 22 ago. 1890, a. 37, n. 194, p. 1.

Se não quiserem dar palmas,  
nem bravos quiserem dar,  
mande-me quaisquer petiscos  
que sejam de mastigar.

Também aceito bons vinhos,  
desses que são generosos.  
Outros líquidos podem vir,  
porém que sejam gostosos.

Em honra ao grande sucesso,  
me porei hoje taful,  
para receber toda a gente  
que lê o *Eco do Sul*.<sup>36</sup>

Os pedidos de presentes pelo redator das  
“Historietas” voltaram a aparecer na ducentésima edição  
da seção:

Duzentas historietas,  
em temas muito diversos,  
são oitocentas quadrinhas  
e três mil e duzentos versos!

E nesta lida constante,  
tendo por mote a alegria,  
vou zurzindo, impiedoso,  
a mais reles *bicharia*.

Mereço bem que me mandem,  
ó respeitáveis leitores!  
seus presentes, para que eu possa  
enfrentar com o Carlos Flores.

---

<sup>36</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 21 out. 1890, a. 37, n. 244, p. 2.

Sou dos amigos amigo,  
porque sempre fui assim.  
para os patifes tem laço  
o feroz<sup>37</sup>

Já na coluna seguinte, João José Cezar, no papel de Cantu-Mirim, anunciava uma “Segunda fase” para suas composições, demarcando uma mudança estilística nas “Historietas”, as quais passariam a ser apresentadas na forma de versos livres:

Mudo de plano, e faço a Historieta  
livre ser.  
Quero que se dispa da etiqueta,  
tendo o vestuário que entender.

Quer ande a pé,  
quer a cavalo,  
quer pise um calo,  
tenha ou não fé;  
esteja a rir,  
faça careta,  
a Historieta  
tem de sair!

E merece a Historieta  
ser tratada a pão de ló,  
pois ela faz muita gente  
andar sempre num pé só.

---

Saúdo, mui prazenteiro,  
o Vitorino Ribeiro!<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 25 fev. 1891, a. 38, n. 44, p. 2.

A tricentésima edição das “Historietas”, além de comemorativa, reforçava seu intento fundamental, ou seja, combater o “regime bandalho”, o qual tinha “por mentor um pato”:

Vá lá! No tricentenário  
desta seção de pilhéria  
quero falar seriamente  
dizendo a verdade séria.

Todo o meu empenho é  
destruir o que é um fato:  
este regime bandalho  
que tem por mentor... um *pato*!<sup>39</sup>

Foram múltiplos os alvos da sátira promovida pelos versos das “Historietas”, sendo a política estadual o principal deles, notadamente contra a figura de Júlio de Castilhos e seus seguidores, mas também o governo na conjuntura nacional foi atingido firmemente por esse tom satírico. Um dos pontos para o qual Cantu-Mirim chamava a atenção era para a demora na realização do processo de reconstitucionalização do país, gerando uma série de incertezas quanto aos rumos legais dos brasileiros:

Caímos todos das nuvens,  
foi grande a decepção!  
Inda dura a ditadura,  
não temos Constituição!

---

<sup>38</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 fev. 1891, a. 38, n. 45, p. 2.

<sup>39</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 30 jun. 1890, a. 38, n. 145, p. 2.

Isto é – tendo, não temos,  
temos lei só no papel.  
Continua a governar-nos  
a confusão de Babel.

É lei, porém não regula;  
lei-brinquedo, caçoada;  
lei só feita para ingleses  
verem... que lei de *maçada*!

Razão teve, até de sobra,  
o nosso governador:  
“tudo voltou aos seus eixos”,  
aos eixos do dissabor...<sup>40</sup>

A Lei de Naturalização foi outra ação governamental que passou pelo olhar crítico de J. J. Cezar, que lembrava na abertura de mais uma “Historieta” a notícia que circulava no país, segundo a qual “o decreto de 15 de dezembro dispensa a declaração por parte dos que aceitaram a nacionalidade brasileira” e “a Constituição marca o prazo de sete anos para a elegibilidade dos que aderirem à mesma nacionalidade”. Nessa linha, para o redator do *Eco do Sul* seria inaceitável a perspectiva de uma naturalização verdadeiramente forçada, uma vez que a conquista da cidadania de um país normalmente estaria vinculada ao desejo do pretendente, que deveria manifestar sua vontade quanto a isso, e não exatamente o contrário como estaria sendo proposto pelas autoridades públicas brasileiras:

---

<sup>40</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 jul. 1890, a. 37, n. 156, p. 2.

Essa é boa, e muito boa,  
é boa até de doer:  
os que já são brasileiros  
estrangeiros têm de ser!

Mas como pode o governo  
marcar prazo para a eleição,  
se a lei primeira, a lei sábia  
dispensa a declaração?

Se contradiz essa gente,  
já não dá carreira certa;  
mostrando até que não sabe  
onde o sapato lhe aperta.

Dizer sim e dizer não,  
ser Sansão e filisteus,  
é acender uma vela  
ao diabo e outra a Deus.<sup>41</sup>

A política econômica governamental que ficou conhecida como encilhamento também mereceu críticas de parte das “Historietas”, apontando para os erros cometidos em torno do incentivo ao capital financeiro não-produtivo, com o apoio governamental inclusive à criação de instituições bancárias, sem o mínimo lastro, o que gerou uma enorme especulação, lançando-se todos à roleta das finanças, alguns inclusive utilizando-se de todas as economias e desistindo de trabalhar, para, em seguida, verem-se na penúria:

---

<sup>41</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 10 jul. 1890, a. 37, n. 158, p. 2.



Dizem que o dever é honra,  
sendo brio o pagamento;  
quem não paga é caloteiro,  
mostra até descaramento.

Quem quebra, fica quebrado!  
quem rouba, roubado fica.  
Mas há gente que, roubando,  
arma aos credores tal trica,

que os transforma em devedores,  
fazendo-os perder o sizo.  
Essa classe é proclamada  
a quem tem muito juízo!

- Pedir emprego o que é?  
- Isso é coisa muito feia...  
Coisa boa, nestes tempos,  
É viver à custa alheia!<sup>42</sup>

A data nacional alusiva à independência serviu de mote aos escritos versejados de Cantu-Mirim, que chegava a apresentar uma frase de ufanismo – “Dia 7 de Setembro, despontando alvissareiro, faz bater de entusiasmo todo o peito brasileiro”, para em seguida dizer que o quadro nacional não seria alvissareiro para manifestações patrióticas, pois o 7 de Setembro perdera o sentido, tamanho o avanço da corrupção, do autoritarismo e da perpetuação das carências sociais:

Isso foi em tempos idos,  
antes das *historietas*,

---

<sup>42</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 jul. 1890, a. 37, n. 160, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

porque nos tempos de hoje  
só há história de petas.

Independente, este povo  
foi transformado em cativo.  
Esse sete nada exprime,  
é um sete *executivo*...

Hoje o 7 de Setembro  
é um sete dos *Três Setes*:  
fazem joguinho com ele  
os nossos *marionetes*.

Entusiasmo, isso é coisa  
muito vasqueira hoje em dia.  
Não se tem entusiasmo  
com a barriga vazia...<sup>43</sup>

O dia da independência voltava a ser abordado, referindo-se o *Eco do Sul* ao “baile de 7”, no qual um casal conversava, referindo-se à situação nacional, afirmando ela que já não era mais tempo para brincadeiras e aventuras, sendo necessária a estabilização do país, mormente com o término da condição “provisória” que vivia o Brasil, em alusão ao Governo Provisório e a falta de uma orientação constitucional para o país:

– Minha senhora, eu quisera  
conservar as ilusões:

diga com toda a franqueza  
se é estranha às comoções?...

---

<sup>43</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 set. 1890, a. 37, n. 208, p. 1.

- Meu caro senhor, eu já  
não me alimento de ideias!  
Desde muito que deixei  
de entreter-me com teteias...

- Por Deus! Então é possível  
que a senhora, já descrente,  
não tenha pena de quem  
se mostra tão padecente?

- Sabe que mais, senhor *crente*,  
essa crença é ilusória!  
Até o amor, nestes tempos,  
é coisa bem *provisória*...<sup>44</sup>

Em mais uma “Historieta”, Cantu-Mirim declarava não abordar as temáticas nacionais, preferindo dedicar-se a debater a conjuntura estadual, embora não deixasse de apresentar suas impressões quanto aos rumos do país. Em uma dessas apreciações, carregando nas cores da jocosidade e da chalaça, voltava-se a analisar a reforma da bandeira brasileira, propondo que na mesma fosse desenhado “um pato de bico aberto”, em referência a Júlio de Castilhos, com manifestação prenhe em sarcasmo:

Em preito justo às reformas  
por que passa esta nação,  
penso eu ter o direito  
de emitir opinião.

---

<sup>44</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 9 set. 1890, a. 37, n. 209, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Nada eu tenho que ver  
com as coisas do passado.  
No presente, do que cuido  
é das coisas deste Estado.

O que mais me impressiona  
em toda esta brincadeira  
é a tal reforma feita  
na estrela da bandeira.

Da nossa tire-se o globo  
que o centro traz encoberto.  
No centro que vá voando  
um pato de bico aberto!<sup>45</sup>

O comentário expresso na Constituinte cujo conteúdo foi “Disse ao Congresso o Sr. Costa Machado: – Cidadãos, estamos aqui reunidos por ordem do governo provisório!”, acabou por ser observado ironicamente por mais uma “Historieta”, que revelava o grau de subserviência ao Executivo presente no Brasil:

Um Costa Machado assim  
não é machado, é enxó.  
Merecia que das costas  
lhe tirassem todo o pó.

Este Costa, me parece,  
é parente do outro Costa;  
do tal que é mui pequenino  
e da dança tanto gosta.

---

<sup>45</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1890, a. 37, n. 265, p. 1.

Os dois Costas puxam certo,  
do carro nas tiradeiras,  
em procissão para tolice,  
em festivais parvalheiras.

O de cá, dançando sempre,  
o de lá na *falação* ,  
só esperam uma rasteira  
que os dê de vendas no chão...<sup>46</sup>

A Constituinte tornou-se tema recorrente nos versos de Cantu-Mirim, como ao referir-se aos debates sobre as liberdades individuais, havendo a manifestação de que “na Constituição do Sr. Portela” haveria “as seguintes coisas: 6º, liberdade de locomoção; 8º, direito de petição, de representação e de denúncia de qualquer infração da constituição”. Além de fazer troça com a terminação das palavras em pauta, a “Historieta” questionava as discussões acerca da liberdade do ponto de vista teórico, pois, na prática, estava sendo solapada durante o regime ditatorial do Governo Provisório:

Liberdade há para tudo,  
desde que termine em *ão*;  
assim quis que se fizesse –  
dom Portela Portelão.

Há liberdade para a dança,  
para o cançã de sensação;  
liberdade sem limites,  
até de locomoção: –

---

<sup>46</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 nov. 1890, a. 37, n. 276, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

de pernas, braços, cabeças,  
outro qualquer membro são,

de acordo com a lei escrita  
– a nova Constituição.

À cena, pois, o Portela!  
Que tenha grande ovação.  
Batam palmas, joguem flores  
a essa enorme *obração*...<sup>47</sup>

Republicano dissidente, J. J. Cezar era partidário da separação entre o Estado e a Igreja, e esperava a consolidação de tal ideal em relação à forma de governo republicana recém-instaurada. Mas, ao contrário do idealizado, citava: “do *Jornal do Comércio* da Capital Federal: – Benzem-se hoje (27), com assistência do Sr. Dr. Portela, os sinos da igreja de S. Lourenço, em Niterói.”; de modo que as inter-relações entre religião e política permaneciam firmes, apesar dos novos tempos republicanos:

Não há mais que admirar  
neste tempo original,  
quando a igreja não mais tem  
nem cheiro de oficial.

Até para benzer sinos  
é preciso autoridades;  
sacristas junto aos badalos,  
badalar vão as trindades.

---

<sup>47</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 nov. 1890, a. 37, n. 277, p. 2.

Ao Sr. Portela cabe  
a honra: foi o primeiro  
sacristão-governador  
nas alturas do sineiro.

Não há mais que admirar  
no regime dos Portelas,  
dos Costas, Amambais,  
e de outros tantos... panelas.<sup>48</sup>

Uma noticiava chegada “das folhas recebidas ontem” espantava o autor das “Historietas”, com a informação de que “O Sr. generalíssimo Deodoro da Fonseca recebeu da casa Krupp dois ricos álbuns com capa de couro e chapas de prata”, contendo “os espécimes dos produtos daquela casa”. O assombro do escritor advinha da perspectiva de uma possível aquisição de armamento pesado de parte do governo, já caracterizado pelo autoritarismo e pela truculência, de modo que tais armas poderiam vir a ser utilizadas na repressão ao próprio povo:

Vejo no fato um conselho,  
conselho em tom de ameaça:  
não brinqueis com canhões Krupp,  
pois canhão não é chalaça!

Canhões na vida encontramos  
de calibres diferentes,  
canhões que têm carne e osso,  
e canhões de grandes dentes.

---

<sup>48</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 dez. 1890, a. 37, n. 282, p. 1.

Porém os produtos dados  
em amostra ao marechal  
são canhões de outro feitio,  
canhões de gente real.

É preciso ter cautela  
com esses novos canhões:  
têm alma negra, medonha,  
mas bem claras explosões...<sup>49</sup>

A política do encilhamento era mais uma vez a temática de uma “Historieta”, no caso em relação à ampla liberdade para a criação de fábricas e expedição de licenças e privilégios, típicas do Governo Provisório. Nesse sentido, fazia referência a um expediente que trazia o seguinte conteúdo: “Thomaz José de Campos – Indefiro o pedido de privilégio para a exploração de que trata o peticionário, por não ser caso disso”, tendo em vista que “o fabrico de pregos denominados – Pontas de Paris – não se pode considerar invenção”. A crítica de Cantu-Mirim se direcionava às atitudes do Presidente Deodoro, do político gaúcho Ramiro Barcelos e, como não poderia faltar, do próprio “Pato”, ou seja, Júlio de Castilhos, de modo que a coluna colocava em dúvida a idoneidade na concessão de privilégios por parte dos governantes:

Explorando os privilégios  
de um tempo tão deo... odórico,

---

<sup>49</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 dez. 1890, a. 37, n. 284, p. 2.



alguém já quis arranjar  
um privilégio fosfórico.

O grande senhor Ramiro,  
de vida tão romanesca,  
já pediu o privilégio...  
de conservar carne fresca!

Outro agora vem para a ponta  
e um privilégio quis  
para pregar o Rio Grande  
só com pontas de Paris.

Falta só que um privilégio  
peça o Ramiro, em reserva:  
para o *pato*, quando morto,  
em álcool ter... para conserva.<sup>50</sup>

Sob o título “Congresso vegeto-animal”, J. J. Cezar tratou jocosamente os sobrenomes de alguns constituintes, que levariam, figurativamente, à formação de uma fauna e uma flora no ambiente parlamentar, sem deixar de citar o “gago e feio Pato”, em alusão mais uma vez a Júlio de Castilhos:

No Congresso há seis Machados  
a destruir sete Pereiras,  
três Pinheiros e Carvalhos  
sete e quatro Oliveiras.

Três Nogueiras inda sobram  
para dois Falcões abrigar.

---

<sup>50</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 13 dez. 1890, a. 37, n. 289, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Há três Coelhos, três Lobos  
para os Carneiros devorar.

Uma Barata, um Besouro  
de dois Pintos são regalo.  
Pena é que no terreiro  
não haja ao menos um Galo.

Há Trovão, Paleta, Almínio,  
Cartaxo, Gordo, Curato;  
mas o mais feroz dos bichos  
é um gago, feio Pato!<sup>51</sup>

As discussões no Congresso e as acusações quanto a um suposto autoritarismo da presidência dos trabalhos foram identificadas a partir do “trecho de um discurso do congressista Eliseu Martins”, segundo o qual, “- Passando a outro assunto apela para o Congresso que via, ontem, o modo áspero, as maneiras de pedagogo, ou de mestre de escola”, pela qual teria sido “recebido pelo Sr. presidente – tom de mandão de serra acima, às primeiras palavras que ele orador pronunciou”. Perante tal circunstância, Cantu-Mirim, além de zombar da figura presidencial, especificamente com a “prudência” indicada em seu sobrenome, mais uma vez transformou em alvo a Júlio de Castilhos e Demétrio Ribeiro, outra liderança do republicanismo sul-rio-grandense:

Fato é que, no Congresso,  
o *seu* Moraes, presidente,  
nem sempre tem revelado

---

<sup>51</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 jan. 1891, a. 38, n. 12, p. 2.

ser Moraes e ser Prudente.

Uma vez ele deixou  
o *pato* a grasnar aos bancos,  
e na questão do Demétrio  
foi além dos seus tamancos.

Isso não passa, porém,  
de uma ou outra impertinência,  
sem que o presidente altere  
no falar a continência.

Portanto, ó *seu* Eliseu,  
razão em você não acho:  
se ele é de serra acima,  
você é de costa abaixo...<sup>52</sup>

Os assuntos abordados pelas “Historietas” chegaram a atravessar o oceano ao citar um “telegrama de Londres”, que dizia “que foi preso o famoso Jack – o estripador”. A coluna comentava o ocorrido, mas lamentava que, figurativamente, o assassino britânico não tivesse também eliminado todas as mazelas oriundas da ditadura que dominava o Brasil:

Afinal, caíste, ó Jack,  
como patinho na lama.  
A polícia da Inglaterra  
vai fazer-te boa cama.

Tanto estripaste, que um dia  
foste a parar obrigado.

---

<sup>52</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 31 jan. 1891, a. 38, n. 24, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Será crível que não sejas  
tu também bem estripado?

Se eu governo fosse, digo,  
dar-te-ia absolvição,  
perdoando tuas culpas,  
mas com uma condição:

Havias tu de estripar,  
com mão de mestre, segura,  
todos os cancros funestos  
desta reles ditadura!<sup>53</sup>

O predomínio do capital internacional sobre o Brasil era outro tema que passou pela visão crítica de Cantu-Mirim, o qual lembrava um “telegrama de ontem” que dizia “que Londres está satisfeita pela eleição do generalíssimo Deodoro”. O poema satírico lembrava que a preeminência britânica no país era já histórica, em um quadro pelo qual as esperanças de que a nova forma de governo fosse estabelecer alguma limitação para tal domínio, cada vez mais caía por terra, demarcando mais uma decepção para com aquele Brasil de “doutores” e “militares”, em referência aos grupos que detinham o poder:

Se Londres está satisfeita,  
é quanto basta, senhores,  
pois Londres é quem governa  
este país de doutores.

E de militares,  
que bons serão

---

<sup>53</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 19 fev. 1891, a. 38, n. 39, p. 2.

## PASQUINAGEM E SÁTIRA NA IMPRENSA RIO-GRANDINA

se fizerem outra  
revolução!

Ela dá leis pela libra  
Esterlina, lá se dá!  
Deve Londres estar contente  
com o nosso grão-papá!

Este é quem diz lá para Londres:  
“Mais um cheque a descontar.  
Viva o *bife*, pois sem bife  
não pode a gente engordar!”

que viva Londres  
que libras tem!  
Viva o governo  
e eu também!<sup>54</sup>

O olhar negativo para com o regime ditatorial que dominava a forma de governo republicana foi mais uma vez abordado, em versos que imaginavam o dia da queda da ditadura e chegavam a duvidar da sanidade mental do mandatário do país:

Meus senhores, eu vos digo  
que estou um tanto assustado,  
pois ousei dizer que isto,  
que de República é chamado,

está como na parreira  
cacho de uva madura:  
ou serve de pasto às moscas,  
ou cai esta ditadura!

---

<sup>54</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 fev. 1891, a. 38, n. 47, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O homem grande, do alto,  
tem a bola em dirandina.  
Não dá em bola o coitado!  
Que cruel, que triste sina!...

Um dia foi ai palácio  
um senador, o Esteves.  
Perguntou-lhe: "Que há de novo!"  
"Não sabe? morreu o Neves!"

O senador, homem sério,  
tomado assim de improviso,  
disse lá com os seus botões:  
"Está sofrendo do juízo..."<sup>55</sup>

João José Cezar demonstrava insatisfação também para com os atos adulatórios em torno do Presidente da República, como ao destacar a possibilidade que se cogitava de mudar o nome de uma localidade gaúcha, para homenagear o Presidente da República, citando o informe segundo o qual "consta que será apresentado à deliberação do governo do Estado o projeto para fundação da cidade de Deodorópolis, no município das Torres". Em tom jocoso, o redator do *Eco do Sul* ridicularizava tal iniciativa e, mantendo a zombaria, demarcava que poderia fazer-se o mesmo em relação a Júlio de Castilhos:

Adeus, ó Torres querida,  
tu vais ser Deodorópolis!  
Foste a terra prometida...

---

<sup>55</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 mar. 1891, a. 38, n. 56, p. 2.  
Não há Historieta com o número 211.

Adeus, ó Torres repartida...  
Heroica trajanópolis,  
adeus... ó Torres querida,  
tu vais ser Deodorópolis!

Por que não castilhonópolis  
te fizeram, Torres minha?  
Ó bengala de Petrópolis...  
Por que não castilhonópolis,  
*casta* Piragibelópolis,  
moléstia que é quase *tinha*?  
Por que não castilhonópolis  
te fizeram, Torres minha?<sup>56</sup>

Fazendo referência a vários medicamentos que eram considerados infalíveis e compatíveis com a cura dos mais variados males, a “Historieta” apontava para “um país tísico”, em estado “aflitivo”, que precisava ser curado:

Interessado, aflitivo,  
dizia ontem um juiz:  
“Que remédio vamos dar  
a este tísico país?”

Respondeu doutor charlata:  
“A linfa do Dr. Kope.”  
Pois é remédio infalível  
do Pasquier o xarope...<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 26 abr. 1891, a. 38, n. 94, p. 2.

<sup>57</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 5 jun. 1891, a. 38, n. 125, p. 2.

Outro poemeto trazia uma notícia publicada no jornal carioca *O País*, de acordo com a qual houvera “um choque de trens da Estrada Central”, passando a informar que “as locomotivas de ambos os trens chamavam-se uma *General Deodoro* e a outra *D. Pedro II*”; e, após o acidente, “a primeira ficou inutilizada, a segunda sofreu insignificantes avarias”. Utilizando-se da coincidência dos nomes, Cantu-Mirim apontava para aquilo que considerava como a força do imperador decaído, em comparação com a fraqueza do primeiro presidente do Brasil:

Tal tem sido este governo,  
que os trens, no seu heroísmo,  
exibem provas patentes  
de atroz sem-vergonhismo!

O Pedro, caduco e velho,  
teve uma ou outra avaria,  
mas Deodoro, tão *novo*,  
fez-se logo em ciscaria!

Até as locomotivas  
parecem ser fatalistas!  
Que glória para os malvados  
dos nossos sebastianistas...<sup>58</sup>

Fazendo uma corruptela com a denominação “Capital Federal”, J. J. Cezar citou “um juiz da Capital Funeral” que dera o seguinte “despacho ao requerimento de um pretor: – “Devolvo. Trate-me por

---

<sup>58</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 14 jun. 1891, a. 38, n. 133, p. 2.



Ilmo. e Exmo. Sr., e finalize com o Deus guarde a V. Ex.", pois "não conheço as práticas de *cidadão* e *saúde e fraternidade*". Nos versos, reivindicava providências do Presidência Deodoro para tal desfeita em relação às formas de saudação que seriam típicas da República:

O Deodoro, maçado,  
por causas de tantas rixas,  
mandou que a fraternidade  
cedesse o lugar... às bichas!

Este agora, que é juiz,  
voltou às causas antigas,  
por deveras estar cansado  
de ouvir as novas cantigas.

Pois se o regime não passa  
de velho já tararacas,  
ponham em vez da chapa nova  
– *Saúde e... muitas patacas!*...<sup>59</sup>

Sob o título "Toque a música!" uma nova "Historieta" tecia críticas à política externa brasileira, especificamente no que se refere à disputa fronteiriça com a Argentina pela região das Missões, apontando para os erros de parte do Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva, e do próprio Congresso Nacional:

Tal mixórdia tem havido  
por causa das tais Missões,  
que anda a gente a toda a hora  
a mudar de opiniões.

---

<sup>59</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 16 jun. 1891, a. 38, n. 134, p. 2.

Mestre Quintino, sabido  
em negócios de embrulhada,  
embrulhou toda essa gente  
do Congresso-Trapalhada!

O tratado repele,  
por ser mau – um desatino,  
mas resolve convidar  
para um banquete o Quintino!

Isso é coisa que parece  
brincadeira de criança!  
Salve-se a Pátria, em perigo  
porém cuidemos da pança...<sup>60</sup>

A tentativa de golpe de Estado perpetrado por Deodoro da Fonseca foi noticiada em poema intitulado “Aqui também!”, o qual citava que “telegrama à nossa Junta diz: “Governo dissolveu Congresso Nacional, convocando nova assembleia. Rio em paz, aqui também. – *Júlio Castilho*”. Nessa linha, além da crítica ao ato presidencial, J. J. Cezar já iniciava a atitude de buscar associar Júlio de Castilhos (escrito em seus textos, provocativamente, sem o “s” final) à atitude autoritária de Fonseca, levando em frente o caminho que levaria à derrocada do chefe republicano rio-grandense:

“Rio em paz, aqui também”,  
disse, contrário ao boato,

---

<sup>60</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 11 ago. 1891, a. 38, n. 181, p. 2. (A data foi editada erroneamente, estampando 11, quando deveria ser 12 de agosto.)

em telegrama à intendência  
o senhor Castilho – o *pato*.

A coisa está me cheirando  
a sermão encomendado,  
pois ninguém falou em guerra  
na capital do Estado.

Como do pato é de origem  
a notícia, eu ratifico:  
o recado telegráfico,  
para mim, traz água no bico!<sup>61</sup>

Em seguida ao golpe de Estado, a “Historieta” apontava para as contradições do governo estadual, citando que “a *Federação* recebeu recado do chefe geral dos telégrafos”, com o seguinte conteúdo “Publicai que reina inteira tranquilidade nesta capital e que o manifesto do Presidente da República explicando os motivos da dissolução do Congresso”, fora “bem recebido”. Cantu-Mirim tripudiava tal informe do periódico castilhista, que apontava a existência de “tranquilidade” no Rio de Janeiro, dirigindo críticas a vários dos apoiadores ao ato golpista:

Publicai que reina inteira,  
aqui, a tranquilidade!  
Publicai que Manifesto  
agrada a toda a cidade!

Publicai que Dom Lucena  
por todos é festejado!

---

<sup>61</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 7 nov. 1891, a. 38, n. 255, p. 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Publicai que a tropa toda  
está de joelho curvado!

Publicai que o grão Mayrink  
não tem dores de barriga!  
Publicai que o sargentaço  
tem a mão fechada em figa!

Publicai que o pio Enéas,  
tem sofrido os seus codilhos!  
Publicai que o pato-gago  
tem molhados os fundilhos!

E publicai, para remate,  
que o povo, feito navalhas,  
cortará rente as cabeças  
de todos esses canalhas!<sup>62</sup>

Derrotada a tentativa de golpe de Estado e com a queda de Júlio de Castilhos e de Deodoro da Fonseca, João José Cezar comemorou a vitória do movimento que ficou conhecido como “Revolução de 8 de Novembro”, que reivindicou a derrubada de tais governantes. De acordo com o jornalista estava encerrada a missão de combate, tanto que as “Historietas” duraram apenas mais algumas edições:

Eis-me aqui, depois da festa,  
de todo já concludida.  
Foi arriscada, confesso,  
mas bem alegre a partida.

---

<sup>62</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 8 nov. 1891, a. 38, n. 256, p. 2.

Vi jeitos de não chegar  
com vida ao fim deste ano;  
mas, afinal, pus em fuga  
todo o bando castilhano.

Agora, já se respira  
livremente, Deus louvado!  
E só vejo em tudo isto  
um tipo desapontado.

A todos quantos cá vinham,  
depois da Revolução,  
procurou fazer fosquilhas,  
pedindo apresentação.

Mas de todos conhecido  
como eterno caradura,  
fez sempre o pobre diabo  
a mesma triste figura...

Deixando, porém de parte  
os passados figurões,  
de novo passo a tratar  
das minhas obrigações.<sup>63</sup>

Assim, a sátira “consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos”. Ela é “vizinha da comédia, do humor, do burlesco e cognatos”, pressupondo “uma atitude ofensiva, ainda quando dissimulada”, pois “o ataque é a sua marca indelével” e “a insatisfação perante o estabelecido, a sua mola

---

<sup>63</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 12 dez. 1891, a. 38, n. 281, p. 2.

básica”<sup>64</sup>. O conteúdo satírico traz consigo “a ridicularização da estultícia, da estupidez ou do vício”, com o “emprego da ironia do sarcasmo ou do ridículo para pôr a nu as fraquezas e os defeitos da humanidade”. A satirização “combina o bom humor e a agudeza de espírito com uma atitude crítica em relação às atividades e às instituições humanas”<sup>65</sup>. Tal estratégia foi utilizada como mecanismo discursivo nos poemas escritos por J. J. Cezar na elaboração das “Historietas”. Sob o pseudônimo de Cantu-Mirim, o jornalista chegou a subverter a ordem discursiva do *Eco do Sul*, rompendo com o discurso dito sério, unívoco e monolítico e optando pela equivocidade e ambiguidade da jocosidade de seus versos. Para tanto não poupou críticas às forças governativas, mormente o castilhismo, sem deixar passar a conjuntura nacional, muitas vezes personalizada na figura de Deodoro da Fonseca, aliado de primeira hora de Júlio de Castilhos. Por meio de seus poemetos satíricos, Cezar estabeleceu um esforço concentrado para promover um ataque figadal aos adversários, bem de acordo com a agitação política e os enfrentamentos partidário-ideológicos que marcaram a formação republicana sul-rio-grandense.

---

<sup>64</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 469-470.

<sup>65</sup> SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 411-412.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**



9 786553 060104

**ISBN: 978-65-5306-010-4**